



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Habilitação em Audiovisual

CARLOS AUGUSTO QUINTINO ROCHA

Nossa cor, Nossa história

Nossa cor, Nossa História:

O processo de criação de uma série de ficção sob a perspectiva familiar negra

Orientação: Profa. Emília Silberstein

Brasília
Setembro de 2022



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Habilitação em Audiovisual

CARLOS AUGUSTO QUINTINO ROCHA

Nossa cor, Nossa história

Nossa cor, Nossa História:

O processo de criação de uma série de ficção sob a perspectiva familiar negra

Brasília
Setembro de 2022

CARLOS AUGUSTO QUINTINO ROCHA

Nossa Cor, Nossa História:

O processo de criação de uma série de ficção sob a perspectiva familiar negra

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.a. Me. Emília Silberstein
Orientadora – Presidenta da Banca | FAC – DAP / UnB

Prof. Dr. Elton Bruno Pinheiro
Examinador | FAC – DAP / UnB

Prof. Dr. Gustavo de Castro
Examinador | FAC – DAP / UnB

Prof. Dr. Armando Bulcão
Suplente | FAC – DAP / UnB

Dedico este trabalho à memória
de meu irmão, Gustavo.

Somos aquilo que ninguém vê, uma coleção de
histórias, memórias, dores, tragédias,
bondades, maldades, sucessos, sentimentos,
pensamentos, pecados. Se definir é se limitar,
somos um eterno parênteses em aberto.
(Autor desconhecido)

Eu sempre quis fazer coisa diferente, não
suporto rótulo, não sou refrigerante.
(Elza Soares)

AGRADECIMENTOS

A Emília, pela paciência e dedicação durante toda trajetória do curso e por ter aceitado me orientar durante o processo deste trabalho.

Aos professores Elton, Gustavo e Armando, por aceitarem o convite para compor a banca avaliadora.

A Evelyn, por ter feito belíssimas ilustrações dos personagens para a bíblia.

Ao meu amigo, Jhoalerson, por ler o roteiro e a bíblia e me dar várias dicas.

Ao meu pai, José Augusto, minha mãe, Silvane e minha irmã, Jaqueline, por terem me apoiado durante toda minha trajetória na graduação. Sem vocês, nada disso seria possível.

RESUMO

Este trabalho consiste na produção de uma bíblia e de um roteiro piloto de série ficcional do gênero drama, intitulada “Nossa cor, Nossa história”, retratando a perspectiva familiar negra após a morte de um de seus integrantes, vítima da violência do Estado. Este memorial relata o processo de desenvolvimento dos dois produtos citados e busca trazer uma contextualização e reflexões sobre questões relacionadas ao racismo estrutural, a democracia racial, estereótipos raciais, ao luto das famílias vítimas do genocídio Estatal. Além disso, realizo uma breve reflexão sobre questões envolvendo a narrativa seriada, abordando arcos dramáticos, público e escrita.

Palavras-chaves: Narrativa seriada; Racismo; Representatividade; Luto; Genocídio Estatal; Família negra.

ABSTRACT

This work consists of the production of a bible and a pilot script for a fictional drama series, entitled “Our color, Our history”, portraying the black family perspective after the death of one of its members, a victim of state violence. This memorial reports the development process of the two products mentioned and seeks to bring a contextualization and reflections on issues related to structural racism, racial democracy, racial stereotypes, to the mourning of families victims of State genocide. In addition, I make a brief reflection on issues involving serial narrative, addressing dramatic arcs, audience and writing.

Keywords: Serial narrative; Racism; Representativeness; Mourning; State Genocide; Black family.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Linha temporal da série	40
Figura 2 - Link spotify: Nossa cor, Nossa história	41
Figura 3 - Quadro da temporada	47

SUMÁRIO

1 Introdução	11
1.1 Objetivos	12
1.2 Justificativa	12
2 Articulação teórica	15
2.1 A visão social perante a pessoa negra	15
2.1.1 Racismo estrutural	16
2.2.2 Democracia racial	21
2.2 O impacto genocida do Estado dentro de uma família negra	26
2.3 O processo de roteiro seriado: Arcos Dramáticos, Público e Escrita	32
2.3.1 Arcos dramáticos	32
2.3.2 Público e Escrita	34
3 Processos criativos	37
3.1 Arco da temporada	38
3.2 Personagens	40
3.3 Quadro da temporada	46
3.4 Roteiro	49
4 Considerações finais	51
5 Referências Bibliográficas	53
6 APÊNDICES	54
Apêndice A - Bíblia	
Apêndice B - Piloto	

1 Introdução

Com a amplificação dos canais de *streaming*, as séries, antes muito apreciadas, tiveram uma expansão ainda maior, no que diz respeito à popularidade e investimentos. Informações da Nielsen, empresa de dados e análise em audiência, mostram que no ano de 2022 houve um crescimento de 18% do consumo de *streaming* de vídeo em relação ao ano anterior¹, dados estes que refletem esta expansão.

Com o crescimento massivo no consumo dos conteúdos seriados, faz-se necessário um investimento em produtos que reflitam a diversidade étnica-cultural mundial, retratando pessoas e culturas diferentes, em especial pessoas negras, que por muito tempo foram retratadas de forma estigmatizadas. Criando laços mais próximos com os espectadores, de forma que eles se identifiquem cada vez mais com as produções que eles consomem, gerando assim uma audiência significativamente maior e fiel.

A motivação para a produção da série “Nossa cor, Nossa história” vai ao encontro justamente com essas questões. Usar um meio popular, a série, para contar a história de uma família negra, em um mercado que está em constante expansão e que tem buscado investir em conteúdos que representem as particularidades de cada povo. No caso de “Nossa cor, Nossa história”, essa é a representação de uma família negra, que vive as consequências de uma estrutura social, que tem como função oprimir e marginalizar o homem e mulher negra, ceifando suas possibilidades de escalada social e colocando-os às margens de uma sociedade racista, que utiliza as forças de segurança para reforçar tal pensamento.

Essa memória busca apresentar não só como foi o processo de desenvolvimento da série, mas também se propõe a refletir sobre o contexto histórico no qual a sociedade brasileira, em especial a população negra, foi construída. Reflexões e questionamentos dão embasamento teórico para a construção dos produtos finais, a bíblia e o roteiro piloto. Ademais, é importante entender e refletir sobre os acontecimentos históricos que moldaram e ainda refletem a nossa sociedade.

Como em todo processo de construção, é necessário refletir sobre o que está sendo construído. Sem o embasamento teórico que a memória contém seria mais difícil desenvolver de forma verossímil os produtos propostos. O embasamento teórico não é apenas uma parte

¹ Disponível em:

<https://global.nielsen.com/pt/news-center/2022/niensens-state-of-play-report-reveals-that-streaming-is-the-future-but-consumers-are-currently-overwhelmed-by-choice/> Acesso em: 16 de jun, 2022.

estrutural deste trabalho. É um contexto histórico e presente que dialoga diretamente com as questões raciais brasileiras.

1.1 Objetivos

O objetivo deste trabalho é desenvolver o projeto de uma série de ficção protagonizada por pessoas negras, que retrata os impactos e consequências da violência policial dentro de uma família negra. Além disso, desenvolver o roteiro do episódio piloto da série, elaborar a bíblia da série contendo: arco da temporada, perfil dos personagens, sinopse dos episódios, e documentar como foi esse processo, desde a concepção até a elaboração e redação final.

1.2 Justificativa

Quando pensamos em séries protagonizadas por pessoas negras (pretas e pardas), as primeiras que nos vem à cabeça provavelmente são: *Um maluco no Pedaco*, *Eu a patroa e as crianças* e *Todo mundo odeia o Chris*. Essas séries têm três coisas em comum: o fato de serem produções Estadunidenses, todas são séries de gênero cômico e possuem grande popularidade no Brasil, algumas, por sinal, fizeram mais sucesso aqui do que nos Estados Unidos.

Agora, e se pararmos para pensar em séries protagonizadas por pessoas negras no Brasil? Provavelmente vamos ter que forçar um pouco mais a mente para buscar essas produções na memória. Mas vamos lá, recentemente tivemos *Mister Brau*, de 2015 a 2018, protagonizada por Lázaro Ramos e Taís Araújo, do gênero comédia. Se nos esforçarmos um pouco mais, conseguimos resgatar a produção muito premiada *Cidade dos Homens*, de 2002 a 2006, protagonizada por Douglas Silva e Darlan Cunha e também a minissérie *Antônia*, de 2006, protagonizada por Negra Li, Leilah Moreno, Quelynah e Cindy Mendes. Existem algumas outras produções nacionais que contam com homens e/ou mulheres negras como protagonistas, mas esse protagonismo por muitas vezes é mínimo, representado por um único indivíduo negro.

Quando paramos para refletir sobre a composição racial da população no Brasil, é pertinente fazer o questionamento: Por que não vemos pessoas negras em papéis centrais nas

diversas produções audiovisuais, inclusive nas produções seriadas? Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2019, revelam que 56,2% da população brasileira é composta por pessoas negras², mas mesmo que estes números revelem que a população brasileira é majoritariamente negra, a representação dessa grande parcela da população é mínima. O Brasil é o país com a maior população negra fora do continente africano e, mesmo assim, não reflete em suas produções o seu perfil populacional. A justificativa para isso pode ser localizada no preconceito enraizado e no falso pensamento no qual o homem branco é visto como superior e central dentro da nossa sociedade.

Dentre os diversos objetivos que justificam a criação da série, um deles é dar espaço para que pessoas negras possam protagonizar histórias sobre elas. Essa justificativa não deve ser confundida ou vista como algo limitador. O protagonismo negro é muito importante e deve ser incentivado e disseminado em todos os espaços e para todos os públicos, mas é de extrema importância contarmos histórias que são vividas apenas por essas pessoas, que sentem na pele o peso do racismo e do preconceito, que são limitadas pelo Estado e pela sociedade, dentro de uma estrutura racista.

Como exemplificado no início deste capítulo, as diversas séries com maior popularidade e protagonizadas por negros, em sua maioria são séries de gênero cômico e grande parte delas fazem críticas fortíssimas de forma séria e divertida ao racismo. Porém, acho importante contarmos histórias que sejam um retrato realista da vida de homens e mulheres negras, e que incomodem a parcela retrógrada e elitista da sociedade. Sociedade essa, na qual estamos inseridos. *Olhos que condenam*, produção da Netflix, de 2019, que conta a história de cinco jovens negros acusados de um crime que não cometeram, é um grande exemplo de que séries dramáticas e protagonizadas por negros podem ser, ao mesmo tempo, populares, mostrar a realidade como ela é, e criticar um sistema preconceituoso e cheio de erros.

“Nossa vida, Nossa história” é justamente uma série que dialoga fortemente com a realidade. A história de uma família que perde um ente querido por causa da violência policial é a realidade de diversas mães, esposas, irmãos e outros tantos familiares que têm a vida marcada pelo genocídio proporcionado pelo Estado, genocídio este que é relativizado e justificado como combate a criminalidade.

² Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>> Acesso em: 28 de jun, 2022.

Em uma reportagem da CNN Brasil, dados mostram que 78,9% das pessoas mortas em operações policiais, em 2020, são negras³. Uma das razões que justificam dados tão altos é a premissa de que a marginalidade está atrelada a cor parda e preta. Outro fator é que as operações policiais em sua maioria ocorrem em periferias, ceifando de forma indiscriminada a vida de inocentes. É o que relata o sociólogo e cientista político, Paulo Baía, na mesma reportagem.

Essas operações são criticadas pelos moradores porque não se consegue reconhecer quem é criminoso e quem não tem envolvimento com o crime. O Brasil tem uma grande estrutura de desigualdade social, que se confunde com a de desigualdade racial. Para se ter esse tipo de ação é preciso muito planejamento para evitar a perda de vidas. (BAÍA, 2021)

É perceptível que o corpo negro é sempre o alvo principal da polícia e que ainda existe uma pensamento, muito forte, que diz “atirar antes, perguntar depois”, que “bandido bom, é bandido morto”. Nenhum destes pensamentos se mostra sequer razoável, ainda mais, quando percebemos que a desigualdade social, a cor da pele e o local de moradia, que convergem na figura de homens e mulheres negras pobres, sequer são levados em consideração. Se uma pessoa negra mora em uma comunidade, favela ou periferia, provavelmente ela faz parte de uma classe social baixa. Esses são elementos suficientes para tornar a pessoa suspeita ou culpada de qualquer crime, marginalizando o corpo negro. Com os pensamentos citados em mente, já é o suficiente para interromper a vida de diversos inocentes e deixar famílias inteiras destruídas.

Chegamos a um ponto que justifica ainda mais o desenvolvimento da série. Uma obra de ficção que dialoga com a realidade é importante não apenas para o entretenimento, mas também é uma forma social de denunciar, criticar e cobrar, do Estado, políticas públicas que visem minimizar essas desigualdades e o genocídio da população negra. Com uma perspectiva familiar, "Nossa cor, Nossa história" é o retrato de como as pessoas negras sofrem quando alguém que elas amam lhe é tirado de forma muito dolorosa. E justamente por uma entidade, a policial, que a priori tem o dever de protegê-las. Deste modo, fazendo um recorte da realidade e transpondo para a ficção: a visão e impactos na família de quem perde um ente querido vítima da violência promovida pelo Estado. Que muitas vezes é deixada de fora dos noticiários e reportagens.

³ Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mortes-negros-acoes-policiais-brasil-vezes-maiores-brancos/>>
> Acesso em: 02 de jul, 2022.

Vemos como esses processos matam não apenas os filhos, mas também parte da história dessas mulheres e de um povo inteiro, desde a própria memória até um sonho com o futuro. E aprendemos que contar histórias, mesmo no meio das dores, é um dos gestos mais potentes de resistência, quando pensamos no apagamento sistemático que é parte do próprio extermínio e genocídio. (NASCIMENTO, 2018 apud BRITO, p.15)

Wanderson Flor Nascimento ao escrever o prefácio do livro: *Não. Ele não está*, destaca a importância em se contar histórias como a de “Nossa cor, Nossa história”. Ele faz referência a histórias reais, que são o conteúdo do livro. Mas ousou dizer que seu comentário é abrangente o suficiente para justificar histórias ficcionais como essa. Utilizar a ficção para contar histórias que dialogam com a realidade, histórias estas que oprimem e matam, também é um ato de resistência. Grada Kilomba diz: “[...] escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora erroneamente ou sequer nomeada.” (KILOMBA, 2008, p. 28). É necessário reescrever essa realidade a partir de uma perspectiva negra, e assim, se opor a anos de imposições coloniais.

Maíra de Deus Brito ao escrever o livro, *Não. Ele não está*, justifica: “Os números de jovens negros mortos no Brasil revelam um país com um massacre em curso, cujas principais vítimas são homens e mulheres negras. “Nós estamos sendo mortos”, pensei. Daí a importância de trabalhar o tema na academia e na mídia, entre outros espaços.”(BRITO, 2018, p. 27 - 28). E é justamente isso que pretendo fazer com esse trabalho, abordando o tema na academia, com a intenção de transpô-lo para outras mídias. Em específico, a mídia audiovisual.

2 Articulação teórica

2.1 A visão social perante a pessoa negra

Durante mais de três séculos, o Brasil foi um país que se desenvolveu às custas do sofrimento do povo negro, escravizado. Mesmo com a abolição da escravatura em 1888, o povo negro continuou sendo refém da sociedade escravocrata, as amarras foram trocadas pela necessidade de sobrevivência, essa necessidade em muitos locais perdura até hoje. Não obstante, a figura do negro foi posta como algo inferior, que não carece de dignidade. Sobre o homem negro foi imposta uma visão marginalizada, sobre a mulher negra recaiu a visão de

mulher fácil, que não merece respeito e que tem como serventia apenas servir os homens das mais diversas maneiras, inclusive sexual.

Nas mais diferentes mídias, inclusive audiovisual, pouco se viu representada a figura do homem e da mulher negra. O mito gritante de que existe uma superioridade branca, por muito tempo não deu espaço para que essa representação acontecesse. E quando se via algum negro na TV ou no cinema era em forma de chacota ou reforçando estereótipos racistas que tinham como objetivo reforçar a visão de inferioridade racial. Mulheres negras como prostitutas e domésticas, homens negros como ignorantes e bandidos. Esses estereótipos, em especial da mulher negra, são abordados por Patricia Hill Collins: “A ideologia dominante na era da escravidão estimulou a criação de várias imagens de controle inter-relacionadas e socialmente construídas da condição de mulher negra que refletiam o interesse do grupo dominante em manter a subordinação das mulheres negras.” (COLLINS, 2019, n.p).

As imagens de controle descritas por Collins reiteram aspectos de como mulheres negras são representadas nas telas audiovisuais, a figura da *mammy* (criada, ama) e da *jezebel* (mulher supostamente fácil, prostituta), dadas à mulher negra são os maiores exemplos de como a mulher negra é representada e vista. Segundo Collins, a *mammy* é uma representação da mulher negra servil e obediente, criada para justificar a exploração da mulher negra nas casas dos patrões no serviço doméstico (COLLINS, 2019, n.p). Ainda, segundo Collins, a *jezebel* seria a representação da mulher negra sexualmente agressiva, o que justificaria os ataques sexuais dos homens brancos as mulheres escravizadas (COLLINS, 2019, n.p), o que diz muito sobre o estereótipo de mulher fogosa e insaciável que recaem sobre mulheres negras nos dias atuais. Traçando um paralelo com os estereótipos destinados aos homens negros, de marginal e ignorante, fica fácil entender as finalidades e significados desse tipo de representação.

Essa é uma das razões pela qual vivemos em uma sociedade estruturalmente racista, ao mesmo tempo em que se inferioriza a figura do negro, existe a exaltação do branco como superior, quase que intocável. Essa falta de igualdade é uma das consequências de o povo negro não ter as mesmas oportunidades que os brancos desfrutam. Sem esse pilar base, igualdade, é difícil dizer que a nossa sociedade é de fato democrática e é impossível se falar em democracia racial como algo real.

2.1.1 Racismo estrutural

Quando pensamos em uma estrutura, o que de imediato nos vem à cabeça, provavelmente são armações de concreto relacionadas às construções civis; as vigas, pilares e concreto que têm como função sustentar toda construção. Essa estrutura é algo essencial e tem como função básica suportar qualquer que seja o objeto a ser construído, porém, essa estrutura também pode ser construída de forma errada. Necessitando de ajustes ou mesmo de uma implosão, levando tudo que foi construído abaixo e recomeçando do zero.

Transpondo para uma perspectiva mais subjetiva, mas não menos objetiva, conseguimos observar que dentro da nossa sociedade existe uma estrutura equivalente que têm como objetivo principal sustentar toda dinâmica capitalista, seja ela política ou social. Ela não é palpável. É impossível senti-la nas mãos ou mesmo localizá-la em um local específico. Em contrapartida, ela é perceptível e se manifesta das mais diversas maneiras e ao fazer uma breve análise do ambiente a nossa volta, é possível notá-la. A composição social, a divisão de empregos ou a ausência deles, o que vemos nas propagandas de TV são alguns poucos exemplos que refletem essa estrutura. Mas que estrutura é essa e como ela foi construída?

O Brasil é um país fundado e construído com base na exploração de suas riquezas: ouro, madeira (pau-brasil) e a terra usada para o cultivo de grandes plantações. Além dessa exploração, também houve a exploração da mão de obra negra. Homens e mulheres negras arrancados de suas casas, transportados em condições inumanas para serem os pilares do enriquecimento de homens brancos. Vistos apenas como objetos, homens e mulheres negras foram a força motora que construiu o Brasil a partir dos anos de 1500. Sobre essa relação negros e objeto, Clóvis Moura a classifica como “produtor-mercadoria” e destaca:

Durante a existência do escravismo pleno o fluxo de escravos era uma constante, com diferenças regionais, [...]. Por outro lado, **o elastecimento progressivo do mercado externo exigirá que esse modo de produção se estabeleça com as suas características fundamentais, sendo que a mais importante era a existência do escravo como produtor-mercadoria e produtor de mercadoria** (grifo meu). O sistema que funcionava como regulador da produção das colônias - quer na sua quantidade, quer estabelecendo o ritmo de rotatividade dos produtos nativos a serem adquiridos - era também o responsável pelo suprimento de escravos. Com isto, forma-se um circuito fechado articulado no sentido de subordinar as economias coloniais na sua totalidade e não apenas em alguns aspectos particulares. (MOURA, 1994, p. 44)

Como aponta Moura, a pessoa escravizada além de ser vista como mercadoria, também é vista como fundamental para a produção das mercadorias. O fato de ela ser fundamental de nada valia quando analisada a situação de forma individual, observando indivíduo por indivíduo. Os negros eram descartáveis e o tráfico negreiro era um negócio

gigantesco e rentável que conseguia suprir facilmente a demanda de mão de obra. Desta forma, vistos como algo substituível, os negros eram submetidos aos mais diferentes tipos de castigos, a horas exaustivas de trabalho, privados de suas culturas e relações familiares.

A força era um recurso usado com dois objetivos claros: a primeira diz respeito ao controle, era necessário reprimir qualquer situação que pudesse levar os escravizados a uma revolta, isso era preocupante pois os negros eram maioria em grande parte das regiões. Então, o medo e as punições eram usadas para reprimir qualquer possibilidade de revolta e castigos em praças públicas eram tidos como exemplos para que outros escravizados se mantivessem na linha. O segundo, não era uma força bruta, mas uma força psicológica que usava a força bruta como arma para humilhar e inferiorizar o negro. Essa força psicológica objetiva colocar os homens e mulheres negras como inferiores e incapazes intelectuais. Além de disseminar o falso pensamento de que o homem branco é um ser único, que somente ele detém saber e conhecimento, que está acima dos homens negros e das mulheres negras, se colocando em um lugar, no topo da pirâmide, abaixo apenas de Deus. Deus, este, que condena a tudo e a todos, conforme o julgamento do homem branco.

A repressão a essa rebeldia por parte do Estado escravista (grifo meu), [...], era uma força necessária e eficaz para poder manter o equilíbrio social, enquanto a força fosse um elemento desse equilíbrio. Era portanto, um equilíbrio que tinha como base principal o antagonismo entre senhores e escravos e as medidas de controle social dos senhores. (MOURA, 1994, p. 37-38)

Quando Moura destaca a participação do Estado no processo de controle social, ainda lá no século XVI, é possível analisar e perceber que muita coisa não mudou. Que o Estado atual, ainda, detém esse papel e que utiliza artifícios semelhantes aos usados há mais de quatrocentos anos para manter um controle social racista, que reforça a falsa superioridade branca e remonta a mesma estrutura, utilizando-se de outros artifícios, como a marginalização da população negra.

[...]. No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende por que o outro lugar natural do negro sejam as prisões. **A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão psicológica através do medo** (grifo meu). A longo prazo, o que se visa é o impedimento de qualquer forma de unidade do grupo dominado, mediante a utilização de todos os meios que perpetuem a sua divisão interna. **Enquanto isso, o discurso dominante justifica a atuação desse aparelho repressivo, falando de ordem e segurança sociais** (grifo meu). (GONZALEZ, 2020, p. 75)

A escravidão pode ter acabado, mas o povo negro brasileiro ainda continua vivendo resquícios dos tempos do colonialismo. Este, um colonialismo velado que utiliza a repressão e a força para impedir a ascensão da população negra. Como Lélia Gonzalez destacou, a repressão se justifica através de um discurso racista que destaca ordem e segurança social como objetivos, enquanto se mata descontroladamente negros. Estes compõem a parcela mais vulnerável da sociedade. Esses são aspectos da estrutura racista na qual o Brasil foi construído, antes, a base do suor e do sangue de negros nas fazendas e plantações. Hoje, a base dos suor dos mesmos por terem que se submeter a trabalhos precários para sobreviver e ao sangue de homens, mulheres e crianças negras derramados indiscriminadamente, nas favelas, comunidades e periferias, vítimas de um Estado fundado em uma estrutura racista.

Mesmo após a abolição da escravatura, o povo negro não teve sequer a chance de se firmar na sociedade de forma decente. Ao contrário, o povo negro foi excluído da sociedade através de várias medidas adotadas pelo Estado. A imigração europeia é uma dessas medidas. Quando se opta por trazer mão de obra da Europa para o Brasil, existem duas intenções distintas, a primeira, o embranquecimento da população. A população negra, agora liberta, é muito grande e existe uma preocupação, ainda maior, em manter uma eugenia branca, não fazendo do Brasil uma segunda África. A segunda é não dar condições para que o negro consiga se estabelecer. Sem emprego e sem qualquer condição para se sustentar, o negro é vítima de uma política de perseguição e opressão que marginaliza sua figura. Assim, se cria a oportunidade de tirar das ruas grande parte da população negra usando aquele discurso já apontado por Lélia Gonzalez na referência acima: “ordem e segurança sociais”. Ainda sobre isso, Clóvis Moura destaca:

[...] à medida que se afastou o poder público do dever social de doar aos ex-escravos (quando saíssem do cativeiro) parcelas de terras às quais tinham direito “por serviços prestados” e nas quais pudessem integrar-se, como proprietários, na conclusão do processo abolicionista, **criou-se as premissas da marginalização social** (grifo meu). (MOURA, 1994, p. 71)

As consequências dessas políticas racistas perduram até hoje e são reproduzidas de forma similar ao que era há mais de um século. Com a falta de emprego e uma estrutura mínima para sobreviver, muitos ex-escravizados viram como única saída fazerem pequenos furtos para sobreviverem, o que colaborou para o estigma de marginal do homem negro. Muitas mulheres negras se submeteram a outro tipo de escravidão, ser criada (hoje em dia empregada doméstica) era uma solução que possibilitava sobreviver e na qual não havia qualquer segurança trabalhista. Sobre isso Gabriel da Silva diz: “Na época da República, as

mulheres eram contratadas para servir no ambiente residencial, sendo normalmente chamadas de criadas. Este termo designava as escravas que, após a Lei Áurea, permaneciam a serviço dos senhores, trabalhando em troca de comida e moradia.”. Apenas em 1973, com a Lei nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972, regulamentada pelo Decreto nº 71.885, de 9 de março de 1973, elas tiveram os primeiros direitos garantidos, estes ainda muito escassos.

Nos dias atuais, é possível observar que as consequências desse Estado racista ainda perduram de forma bastante forte. A estrutura racista na qual o Estado foi fundado ainda reproduz formas de opressão contra os negros brasileiros, a falta de políticas que visassem a inclusão do negro na sociedade criou uma sociedade desigual e as medidas tomadas para excluí-los da sociedade só reforçaram o racismo presente no Brasil colônia. Racismo este que se reproduz de diferentes maneiras na sociedade, hoje conhecido como racismo estrutural.

Desde a Independência aos dias atuais, todo um pensamento e uma prática político-social, preocupados com a chamada questão nacional, têm procurado excluir a população negra de seus projetos de construção da nação brasileira (grifo meu). Assim sendo, não foi por acaso que os imigrantes europeus se concentraram em regiões que, do ponto de vista político e econômico, detêm a hegemonia quanto à determinação dos destinos do país. Refiro-me sobretudo à região Sudeste. **Por isso mesmo, pode-se afirmar a existência de uma divisão racial do espaço em nosso país, uma espécie de segregação, com acentuada polarização, extremamente desvantajosa para a população negra:(grifo meu)** quase dois terços da população branca (64%) se concentram na região mais desenvolvida do país, enquanto a população negra, quase na mesma proporção (69%), concentra-se no resto do país, sobretudo em regiões mais pobres como é o caso do Nordeste e Minas Gerais. (GONZALEZ, 2020, p. 84)

Os dados apresentados por Lélia Gonzalez fazem referência ao ano de 1980, mas mesmo que eles tenham mais de quarenta anos de distância, eles ainda refletem, não em números precisos, a nossa desigualdade social. A população negra ainda é refém de questões geográficas, um bom exemplo que demonstra isso é a questão das periferias. A população periférica do país é composta majoritariamente por negros, 67% segundo reportagem de 2021 da CNN Brasil⁴. É sabido que nas áreas periféricas existem muito menos investimentos do que nas áreas consideradas “nobres”, o que conseqüentemente faz com que a população negra não tenha estrutura básica para se desenvolver. Sem saúde, sem transporte, sem moradia adequada e sem educação de qualidade, não se pode falar em igualdade para todos e todas. Não se pode defender meritocracia quando existe uma estrutura racista fundada há mais de quinhentos anos que impossibilita e dificulta a ascensão social do homem e da mulher negra.

⁴ Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-8-da-populacao-brasileira-mora-em-favelas-diz-instituto-locomotiva/>> Acesso em: 02 de jul, 2022.

2.2.2 Democracia racial

Quando pensamos em uma democracia social, pensamos em direitos iguais, oportunidades iguais e liberdade para todos da mesma forma, sem qualquer distinção. Fazendo um recorte, e analisando a sistemática da democracia social por uma perspectiva racial, a democracia racial, é fácil inferir com análise nas nossas próprias vivências que a democracia racial é uma utopia distante da nossa realidade. Não apenas no Brasil, mas em escala global. Falando precisamente sobre o nosso Estado, é possível um cidadão negro andar na rua, em um bairro de classe alta, sem ser encarado ou mesmo abordado pela polícia? Uma mulher negra tem a mesma probabilidade de conseguir um emprego como secretária que uma mulher branca, onde, entre os requisitos básicos está “boa aparência”? Homens e mulheres negras têm os mesmos padrões de julgamento que as pessoas brancas?

Quando um homem negro é abordado sem qualquer razão, e o único motivo real é a cor da sua pele, a liberdade do homem negro está comprometida. Quando uma mulher negra se depara com uma exigência de “boa aparência” como requisito para poder trabalhar, ela se depara com a imposição de um padrão branco de beleza, não existe oportunidade igualitária. E quando um homem negro é condenado unicamente com base no reconhecimento de testemunhas, ele, também, não tem os seus direitos garantidos. Esses pequenos exemplos são a mais pura realidade das pessoas negras no Brasil, não existe uma democracia racial no Brasil porque não existe liberdade, oportunidade e direitos iguais para o povo negro. O que existe na realidade é um privilégio racial branco, que explora e reforça o racismo embutido na sociedade, como destaca esse trecho escrito por Lélia Gonzalez:

O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra (grifo meu). E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem seus dividendos do racismo. Quando se trata de competir no preenchimento de posições que implicam recompensas materiais ou simbólicas, mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados são sempre favoráveis aos competidores brancos. E isso ocorre em todos os níveis dos diferentes segmentos sociais. O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente: desemprego aberto, ocupações “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente e trabalho por temporada etc. Ora, tudo isso implica baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação etc. (GONZALEZ, 2020, p. 39 - 40)

O Brasil é um país com uma diversidade de tons de pele muito grande e por essa razão muitos acreditam que aqui não exista racismo ou discriminação. Muito desse pensamento é exportado para fora do país como destaca Gonzalez:

A noção de democracia racial, desenvolvida por Gilberto Freyre nos anos 1930, constituiu a visão pública e oficial dessa identidade. Assim, negros são cidadãos como quaisquer outros e, como tais, não estão sujeitos a preconceito ou discriminação (grifo meu). As imagens do Carnaval e futebol brasileiros são largamente utilizadas (especialmente no exterior) como “provas concretas” da “harmonia racial” brasileira. **O que predomina na “democracia racial” brasileira é o preconceito de não ter preconceito** (grifo meu), (GONZALEZ, 2020, p. 153)

O que mais se enxerga na sociedade brasileira é o preconceito velado e enraizado, estes, resquícios do racismo estrutural no qual nossa sociedade foi construída. O Brasil é um país que usa um discurso inclusivo, pautado na pluralidade de cores e raças, para se divulgar para o exterior, mas que não enfrenta as problemáticas raciais de forma séria e objetiva, a fim de acabar com as desigualdades que afligem a população negra. Além disso, existe por parte do Estado e da sociedade uma naturalização do racismo, naturalização essa que vai de uma escala pequena, como achar que pessoas negras estão sempre a serviço ou trabalhando em lojas ou algo do gênero, reforçando o pensamento de servidão da população negra, até o assassinato de um jovem negro pela polícia.

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural (grifo meu). Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice etc. e tal. Daí é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha é malandro, e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (GONZALEZ, 2020, p. 69)

A sociedade brasileira não gosta de ser chamada de racista e busca veemente refutar essa nomeação, para isso ela reitera por diversas vezes que o Brasil é um país miscigenado e que o povo brasileiro é um povo festivo e alegre devido a isso. Mas, por trás deste discurso, existe uma realidade por muitos desconhecida e por outros ignorada. A alegria do povo brasileiro é vista apenas quando é conveniente, nessas horas ninguém fala do choro da mãe que perdeu um filho por causa da violência do Estado, ou mesmo quando políticos comemoram o genocídio da população negra. O racismo se tornou tão natural que lutar por

direitos se tornou “mimimi”. A miscigenação do povo negro brasileiro é resultado de uma política de Estado que não saiu como o esperado.

A imigração europeia após a abolição da escravidão visava uma eugenia branca para o Brasil, no entanto, os negros libertados da escravidão eram maioria da população nacional e por mais que houvesse políticas de marginalização, isso não foi o suficiente para erradicar a população negra.

Antes da noção de democracia racial, a ideologia do branqueamento serviu como justificativa para uma política desenvolvida pelos governos brasileiros para branquear a população do país ao encorajar uma massiva imigração europeia, sobretudo no período 1890-1930. Isso se deveu diretamente ao resultado do primeiro censo brasileiro de 1872 (e confirmado por um posterior, em 1890) que indicou que a maioria da população era negra. (GONZALEZ, 2020, p. 153)

Essa imigração deixa bem claro que a intenção do Estado nunca foi fazer do Brasil um Estado igualitário para negros, brancos e índios, mas uma tentativa inútil de se tornarem maioria populacional. Outro ponto, que reforça esse pensamento, é que aos negros não foi proporcionada qualquer condição que lhes pudesse ajudar a se desenvolver, pelo contrário, impossibilitaram a aquisição de terras por eles, como destaca Clóvis Moura:

[...], quer do Sudeste quer do Nordeste, com as suas diferenças regionais, a Lei da Terra de 1850 desempenhou a mesma função: impedir a plebe e as populações que estavam prestes a sair de cativeiro, tivessem acesso à mesma. Criou os mecanismos de dependência dos sem terra que perduram até hoje. (MOURA, 1994, p. 77)

A diferença entre brancos e negros não é algo exclusivo sobre as posse de terras, apesar de vermos que a população negra compõe majoritariamente as periferias do Brasil, a desigualdade vai além disso. Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), de 2021, destaca: “[...] a renda média dos brancos permanece ao menos duas vezes maior do que a dos negros. [...]. Somente em 2014, quando a renda média dos brancos chegou a 24 dólares por dia, a renda média dos negros ultrapassou o mínimo histórico dos brancos, de 12 dólares em 1992.”⁵. Com a análise do trecho, é possível perceber que a desigualdade de renda é algo constante e que essa diferença é gritante, que negros ganham em determinados momentos menos que a metade da renda da população branca.

Retomando a questão da miscigenação da população negra, talvez, hoje, essa pluralidade de cores seja motivo de orgulho e exaltação. Mas é preciso entender que ela não é

⁵ Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38084 Acesso em: 24 de jul,2022.

algo natural e que aconteceu às custas do sofrimento de muitas mulheres negras, estas exploradas e estupradas por seus “senhores”. Angela Davis ao escrever sobre o “Legado da Escravidão” nos Estados Unidos diz:

Apesar dos testemunhos de escravas e escravos sobre a alta incidência de estupros e coerção sexual, o tema tem sido mais do que minimizado na literatura tradicional sobre a escravidão. Às vezes, parte-se até mesmo do princípio de que as escravas aceitavam e encorajavam a atenção sexual dos homens brancos. O que acontecia, portanto, não era exploração sexual, mas “miscigenação”. (DAVIS, 2016, n.p)

No Brasil, o que aconteceu não foi muito diferente, o estupro de meninas e mulheres negras foi algo massivo que buscava mostrar a submissão do povo negro, em especial da mulher negra. Devido a isso, a mulher negra ainda carrega o estereótipo de “mulher fácil”, quando ela não é “boa” o suficiente para o sexo, ela é “boa” o suficiente apenas para servir e trabalhar. A mulher negra de qualquer forma é sempre preterida e renegada, não cabendo a ela outro papel, senão o de prostituta ou criada. A miscigenação não pode ser usada para justificar o mito da democracia racial, é o que defende Lélia Gonzalez:

[...] a gente deve entender que esse papo de que a miscigenação é prova da “democracia racial” brasileira não está com nada. Na verdade, o grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violência, de manipulação sexual da escrava. Por isso existem os preconceitos e os mitos relativos à mulher negra: de que ela é “mulher fácil”, de que é “boa de cama” (mito da mulata) etc. e tal. (GONZALEZ, 2020, p. 184)

A miscigenação que aconteceu no Brasil não foi apenas uma miscigenação biológica, houve uma miscigenação cultural, negada por muitos até hoje. A língua, a cultura africana, os costumes dos povos oriundos da África foram proibidos e se houvesse desobediência era motivo de castigo. A primeira coisa que ocorria com os africanos quando chegavam no país, era serem convertidos ao catolicismo, as suas religiões eram banidas e devido a isso, hoje, elas ainda são perseguidas e discriminadas. Recentemente, uma mãe perdeu a guarda da filha por ter levado ela em um centro de Umbanda, ela foi acusada de sequestro e cárcere privado conforme detalha uma reportagem do site Mídia Ninja⁶. Casos como este, acontecem frequentemente. Em 2020, outra mãe perdeu a guarda da filha, depois que a menina raspou os cabelos em um ritual de candomblé.

⁶ Disponível em:

<<https://midianinja.org/news/mae-perde-a-guarda-de-filha-de-14-anos-apos-leva-la-a-umbanda/>>

Acesso em: 24 Jul, de 2022.

A perseguição religiosa é um dos muitos exemplos que perduram até hoje, e que comprova que a miscigenação foi apenas biológica. Além das religiões africanas serem marginalizadas, pouco se vê ou nada se vê de povos que falam as línguas oriundas do continente africano, porque estas foram proibidas. A capoeira, hoje patrimônio cultural imaterial da humanidade, era motivo de perseguição e prisão dos negros. O que acontece hoje, como no caso da capoeira, é uma apropriação cultural, não uma democratização racial. E essa apropriação só ocorre com aquilo que é conveniente, o que não convém ainda é discriminado e passa por um processo de morte.

A miscigenação é consequência de uma medida que tinha como objetivo reiterar a superioridade branca e não permitir que os negros, considerados inferiores, pudessem alcançar *status* em qualquer segmento. É o que defende Clóvis Moura:

A miscigenação (fato biológico) por outro lado, não criou uma democracia racial (fato sócio-político). **Ela estava subordinada a mecanismos sociais de dominação, estruturas e técnicas de barragem e sanções religiosas e ideológicas** (grifo meu). Esse conjunto de elementos e estratégias inibidoras determinava o imobilismo ou semi-imobilismo social, cultural e político das vastas camadas miscigenadas, **isto porque os espaços sociais que davam status econômico ou de prestígio social e cultural lhes eram vedados** (grifo meu), pois esses mecanismos de seleção ética compulsórios reproduziam os níveis de poder econômico, social e cultural das estruturas de poder dominadoras que representavam os interesses da classe senhorial local e da Corte e o poder do Estado português. (MOURA, 1994, p. 131 - 132)

Ainda hoje é possível perceber que esses espaços, de status econômico ou de prestígio social e cultural, são pouco frequentados por homens e mulheres negras. Em se tratando do poder executivo federal, nas duas últimas eleições, 2014 e 2018, houve apenas 4 candidatos negros dentre os 24 totais. O site Metrôpoles destaca que esse número representa apenas 16,6% do total dos candidatos.⁷ Na história do Supremo Tribunal Federal os números são impressionantes, apenas 3 ministros negros, dentre eles nenhuma mulher negra. Cabe destacar que o número de mulheres é igual ao de ministros negros, apenas três. Com mais de cento e trinta anos de atividade os números são ínfimos, não existe uma representatividade proporcional, bem longe disso. A população negra apesar de ser a maioria, ainda é minoria nos espaços de poder do Estado.

A democracia racial é algo ainda muito distante, por mais que hoje tenhamos cotas raciais para promover uma melhor inclusão das pessoas negras em lugares antes inacessíveis.

⁷ Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2022/pais-teve-somente-4-candidaturas-de-negros-a-presidencia-desde-2014>> Acesso em: 24 jul, de 2022.

Ainda, é necessário muitas políticas públicas específicas para que as coisas mudem. Estamos falando de preservação da cultura africana, tolerância religiosa, políticas que mudem a forma como a polícia e o Estado vêem e tratam pessoas negras. A população negra não pode servir de escada para a ascensão dos brancos, só assim poderemos começar a falar em equidade. Equidade esta, que está longe se ser confundida com igualdade e muito menos com uma democracia racial.

2.2 O impacto genocida do Estado dentro de uma família negra

Como se pode observar pelos capítulos anteriores, a vida atual de homens e mulheres negras reflete intensamente os mais de trezentos e oitenta anos de escravidão, estes somente no Brasil. Para entender a forma como o Estado enxerga as famílias negras vamos primeiro entender como a família negra foi vista durante o período escravocrata.

Angela Davis em seus escritos diz que os proprietários de pessoas escravizadas definiam a família negra como “uma estrutura biológica matrilocal”. O que seria isso? Basicamente, o que Davis quer dizer é que as famílias negras eram encabeçadas por mulheres e o fato de ser tratada como uma “estrutura biológica” significa que as famílias eram constituídas sem qualquer vínculo afetivo, pelo menos eram o que os senhores escravocratas acreditavam. Na verdade, estes senhores sempre trataram e enxergaram as pessoas negras como propriedade e com esse pensamento eles reforçam a ideia de que negros são inferiores e vistos como animais. A mulher negra, em especial, além de lidar com o trabalho duro, também era vista como reprodutora. É o que destaca Angela Davis.

Uma vez que as escravas eram classificadas como “reprodutoras”, e não como “mães” (grifo meu), suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados das vacas. Um ano após a interrupção do tráfico de populações africanas, um tribunal da Carolina do Sul decidiu que as escravas não tinham nenhum direito legal sobre suas filhas e filhos. Assim, de acordo com essa medida, as crianças poderiam ser vendidas e separadas das mães em qualquer idade, **porque “crianças escravas [...] estão no mesmo nível de outros animais”** (grifo meu). (DAVIS, 2016, n.p)

Como o trecho acima destaca, não só as mulheres eram consideradas animais, seus filhos e filhas estavam no mesmo nível que elas. Ainda no trecho acima, Davis destaca que as mulheres negras não eram vistas como mães, tirando delas não só o exercício da maternidade, mas excluindo da pessoa negra qualquer ligação afetiva ou emocional. No mundo atual, o genocídio da população negra muito se assemelha ao que aconteceu com as famílias negras

durante a escravidão. Hoje a população negra não é vendida como antigamente, mas é abatida como animais pelo Estado, famílias são destruídas e pouco se vê sobre atuação do Estado na prestação de apoio à essas famílias.

O genocídio da população negra é uma questão de ordem pública, segundo o *Atlas da Violência de 2021*, 77% das vítimas de homicídio são pessoas negras, ou seja, a chance de um homem ou mulher negra serem assassinados é 2,6 vezes maior que a de uma pessoas branca⁸. O Estado que deveria tomar medidas para prevenir e minimizar o genocidio negro é um dos responsáveis de números tão altos. “Sabemos que os sinhozinhos feudais e o capitalismo, os capitães de mato, o Estado e as chibatas hoje se concentram nas balas de revólveres dos policiais.” (MÃES DE MAIO, 2011, p. 26). Por meio da polícia, o Estado mata indiscriminadamente e a grande maioria das vítimas são pessoas negras. Sem políticas que protejam os direitos de homens e mulheres negras, e empunhando armas através das mãos de policiais, o Estado se torna o maior responsável pelo extermínio da população negra.

O genocídio se caracteriza pela morte sistemática de um povo e o racismo é o grande propulsor do extermínio da população negra brasileira, os números acima não mentem. O Estado desde a libertação das pessoas escravizadas adotou normas para criminalizar os negros libertos e essas normas adotadas ainda deixam seus resquícios, sobre isso Ana Paula Procopio da Silva (2021, p. 52) destaca : “O não assujeitamento [...] tornou os negros “perigosos por natureza”, “maus elementos”, uma constante ameaça que demanda vigilância e instrumentos coercitivos.” Esses tais instrumentos coercitivos ainda usados pelo Estado se inserem no contexto brasileiro atual causando o encarceramento e extermínio da população negra.

Em contexto brasileiro, o racismo mata a população negra todos os dias (grifo meu). Os homens negros, principalmente os jovens, são os mais encarcerados, constituindo, no país, a quarta maior população carcerária no mundo, **sendo que são os mais assassinados, atingindo um percentual de 73%, o que caracteriza o genocídio da juventude negra do país** (grifo meu). Contradição esta marcadamente associada ao racismo que define privilégios, status e poder segundo a pertença etnicorracial, independentemente de sua posição de classe. A classe social não protege ou impede os homens negros como as mulheres negras de serem expostos às situações de discriminação racial. (CONRADO e AUGUSTO, 2017, p. 91)

Nos noticiários brasileiros não é incomum vermos reportagens falando sobre as mortes de jovens negros vítimas de balas perdidas, em confrontos com a polícia ou em operações policiais, estas últimas, muitas vezes podem ser consideradas chacinas promovidas

⁸ Disponível em:

<<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/213/atlas-da-violencia-2021-principais-resultados>>
> Acesso em: 05 de jul, 2022.

pelo Estado. O Estado quando permite que séries de homicídios aconteçam pelas mãos das forças policiais, joga fora a própria Constituição Federal que defende direitos iguais e julgamento justo para todos. A polícia não só julga mas executa a pena. Pena de morte, essa que segundo a Constituição Federal não deveria ser aplicada no Brasil.

Como se não fosse suficiente o assassinato da população negra de forma indiscriminada, quando confrontados, a polícia, o Estado e parte da mídia, usam de artifícios para criminalizar a vítima já morta. É comum ouvirmos expressões como “ele tinha envolvimento com tráfico de drogas”, “ele tinha passagem pela polícia”, “estava em local errado”, “agiu com atitude suspeita”, entre tantos outros. Esses artifícios são justificativas que buscam desmoralizar a vítima ou mesmo culpabilizá-la. Com esse mecanismo se cria um julgamento moral, onde não existe a possibilidade de autodefesa, cabe às famílias das vítimas defenderem a imagem do morto.

A família que perde alguém vítima da violência promovida pelo Estado sofre demasiadamente, pois além da dor da perda, ela também tem que lidar com mais três questões: a busca por clareza sobre o que aconteceu, pois em geral esses casos são cheios de incongruências, pouco ou nem investigados, a segunda questão, já citado anteriormente, é defender a imagem da vítima da desmoralização e criminalização e a terceira e última questão é a busca por justiça.

Partindo do ponto em que as famílias buscam esclarecimentos sobre as mortes dos familiares. É perceptível para a família que existe um descaso em solucionar e dar respostas sobre como o familiar foi morto, ou, mesmo, uma tentativa de ocultar o que realmente aconteceu. Traçando um paralelo com os casos de desaparecidos na Ditadura Militar Brasileira, Silva e Féres-Carneiro destacam a questão do luto impossível, onde os familiares não conseguem vivenciar o luto pela falta de respostas sobre o que realmente aconteceu com quem morreu ou continua desaparecido.

[...] Essas famílias ainda buscam preencher uma memória esburacada, que só poderá ser resgatada pela inscrição temporal dos acontecimentos, através da ritualização do luto e do conhecimento das circunstâncias da morte de seus entes, finalizando um ciclo inacabado. **As situações traumáticas não reconhecidas pela sociedade, e por isso não legitimadas, provocaram nessas famílias uma incapacidade de elaboração do trauma e de sua superação** (grifo meu). (SILVA; FÉRES-CARNEIRO, 2012, p. 66)

No livro *Do Luto à Luta*, de 2011, produzido pelo Movimento Mães de Maio, relatos de familiares deixam bem claro a negligência do Estado, como mostra a fala de Débora Maria que perdeu o filho Rogério em 2006.

Aí começou a peregrinação. Ninguém queria saber da nossa dor: delegacias, Ministério Público, vereadores... Ninguém. Corríamos de um lado para o outro atrás de explicações: nossos filhos eram trabalhadores e estudantes. Eu sabia que a polícia tinha matado eles, alguém tinha que nos ajudar. Assim pensávamos, mas foi puro engano. (MÃES DE MAIO, 2011, p. 25)

A mãe de Rogério não é um caso isolado, o Movimento Mães de Maio, que conta com mães, familiares e amigos de vítimas de vítimas da violência do estado brasileiro nasceu após os eventos de 2006, conhecido como Crimes de Maio, onde quase quinhentas pessoas foram assassinadas, é o que destaca o livro produzido pelos familiares.

Os Crimes de Maio certamente foram o episódio mais emblemático deste contexto. Entre os dias 12 e 20 de maio de 2006, no estado de São Paulo, policiais e grupos paramilitares de extermínio promoveram um dos mais vergonhosos escândalos da história brasileira. Em uma cínica e mentirosa “onda de resposta” ao que se chamou na grande imprensa de “ataques do PCC”, foram assassinadas no mínimo 493 pessoas - que hoje constam entre mortas e desaparecidas. Há estudos, no entanto, que apontam para um número ainda maior de assassinatos no período, considerando ocultações de cadáveres, falsificações de laudos e outros recursos utilizados por tais agentes públicos violentos. (MÃES DE MAIO, 2011, p. 19)

A grande dificuldade em conseguir respostas para esses crimes está atrelada ao fato de que o Estado é o grande responsável pelo que acontece. Para que os assassinatos sejam devidamente esclarecidos é necessário que os órgãos estatais confrontem uns aos outros e isso não acontece por diferentes razões, entre elas, não “sujar a imagem do Estado”, não se auto responsabilizar e o pensamento racista que reforça o descaso com o povo negro. Crimes como estes fazem parte do dia a dia do povo brasileiro, e de tão “comum” passam a ser tratados com descaso. Memórias da Plantação, de Grada Kilomba, se relaciona com isso.

Memórias da Plantação examina a atemporalidade do racismo cotidiano. A combinação dessas duas palavras, “plantação” e “memórias”, descreve o racismo cotidiano não apenas como uma reencenação de um passado colonial, mas também de uma realidade traumática, que tem sido negligenciada. (KILOMBA, 2008, p. 29)

A busca por solução e resposta para os crimes cometidos contra a população negra esbarra no segundo ponto: defender a imagem da vítima. Existe uma tentativa generalizada que busca criminalizar a vítima morta, atribuindo a ela ligações com qualquer tipo de crime. Essa é uma tentativa de justificar o assassinato através de um discurso criminalizador. Esse discurso pode ser entendido como discurso de ódio, ele não possui nome nem endereço, mas possui sujeitos com uma cor específica, a cor preta.

Quando se utiliza o discurso criminalizador, um dos intuitos é silenciar a família e amigos que buscam esclarecimentos pelo crime ocorrido. KILOMBA (2008, p. 33-34) diz: “[...] no âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/os branca/os querem - e precisam - controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado.”. O discurso criminalizador também pode ser entendido como uma inversão de papéis, em que o negro se torna o “mal a ser combatido” e o homem branco, representado pelo Estado, a vítima. “[...] Enquanto o sujeito negro se transforma no inimigo intrusivo, o branco torna-se a vítima compassiva [...]” (KILOMBA, 2008, p. 34).

A criminalização de pessoas negras vítimas da violência estatal é uma realidade comum, e se relaciona diretamente com o racismo estrutural em que vivemos. Além da perda do familiar, a criminalização intensifica o desgaste emocional nos familiares e amigos. É preciso lidar com a destruição que a polícia e os órgãos públicos fazem com a imagem da vítima. Nesse cenário muitos familiares optam por “deixarem pra lá”, outros encontram forças para continuar.

Se eles tivessem matado meu filho e pedido perdão, tivessem reconhecido que não deveriam ter feito aquilo, provavelmente, eu teria deixado ser enganada por eles, mas não, para eles não bastava matar. Era preciso também criminalizar. (ANA PAULA, 2018 apud BRITO, p. 84)

“Os familiares não tiveram nenhuma assistência do governo, foram maltratadas nas Delegacias de Polícia. Foram, inclusive, inquiridas acerca da vinculação das vítimas ao PCC. **Ouviram insinuações da possível participação de seus familiares** (grifo meu), nos ataques “criminosos” ocorridos, [...]”(MÃES DE MAIO, 2011, p. 39). A tentativa de silenciamento é tão grande que os próprios familiares passam a ser vítimas do Estado e da polícia. É o que relata a mãe de Rogério, assassinado em 2006.

O enfrentamento passou a ser tão forte que as Mães começaram a ser vítimas do mesmo sistema que matou nossos filhos. Esse sistema se chama Estado, que se considera gigante e é autoritário, mas eu tenho uma certeza: mais gigantes somos nós, as Mães de Maio, que jamais iremos nos curvar perante essa tamanha barbárie que fizeram com nossos filhos, pois vivemos em um Estado dito democrático de direito que camufla uma verdadeira ditadura continuada, operando livremente, assolando lares de famílias periféricas, sem direito à justiça, à verdade e à liberdade. (MÃES DE MAIO, 2011, p. 26)

A dor da perda e da morte moral, promovida pelas autoridades, fazem com que as famílias, especialmente mães, se apoiem umas nas outras e é nessa hora que muitos

movimentos como os Mães de Maio nascem. Nascem da dor e da esperança de que justiça seja feita. Mas as dificuldades ainda persistem, Ednalva Santos que perdeu o filho Marcos nos Crimes de Maio relata:

E por conta de nossa luta toda ao longo desses anos, já cheguei a parar até na cadeia, acusada de tráfico de drogas, enquadrada por policiais, que forjaram esta acusação pois queriam e querem que eu pare de falar que foram eles que mataram meu filho. Mas o Ministério Público e uma série de testemunhas conseguiram provar que eu era inocente. (MÃES DE MAIO, 2011, p. 27)

A população negra é vítima do racismo e do silenciamento até mesmo nos momentos mais difíceis de suas vidas. A perda de um filho(a), irmã(o), pai, mãe, entre outros, não é sequer respeitada, existe um afastamento emocional das pessoas e conseqüentemente do Estado que reitera constantemente o pensamento que diz que pessoas negras são como animais, como se elas fossem desprovidas de emoção. O que acontece é justamente o contrário, enquanto as pessoas negras lidam com suas dores, emoções e com a negligência Estatal, as pessoas brancas que majoritariamente compõem o Estado brasileiro, nos locais de liderança, agem como seres irracionais e desprovidos de emoção, pois os mesmos não se compadecem da dor das famílias.

Os impactos para as famílias que perdem um familiar de forma tão brutal são até difíceis de descrever, e mesmo descritos, pode ter certeza que eles não refletem completamente o que as famílias passam. Diante da dor, muitas vezes da falta de apoio, de uma estrutura que dê suporte para superar episódios como a perda de um filho, o que resta é acreditar que algo será feito e por esse motivo essas pessoas persistem. Para concluir, deixo mais uma fala de Ana Paula, mãe de Luciano. Sua fala reflete sua dor e também o que te motiva a continuar.

Nos meus piores momentos, que são muitos, quando eu deito no sofá ou fico no meu quarto, eu falo “não vou para lugar nenhum. Vou ficar aqui”. Aí vem tudo o que ela e o que as outras mães falam para mim. **Por mais que às vezes a gente pense que não está dando em nada, está dando sim. Mesmo que hoje eu não veja os resultados ou que o policial não seja condenado pelo que ele fez, eu vou ter a minha consciência de dever cumprido. Meu papel como mãe, favelada, preta** (grifo meu). A minha parte eu fiz, mas infelizmente, esse sistema é assim. Muitas pessoas falaram “não vai dar em nada. A polícia nunca paga pelo que faz. Você não tem medo de fazerem alguma coisa com você? Deixa isso pra lá, já basta a dor que você carrega”. (ANA PAULA, 2018 apud BRITO, p. 58)

Para negros lutar por justiça não é apenas buscar a garantia dos seus direitos. É também resistir e persistir.

2.3 O processo de roteiro seriado: Arcos Dramáticos, Público e Escrita

2.3.1 Arcos dramáticos

Os arcos dramáticos basicamente são compostos por um ponto de partida e um de chegada. Em geral, não é comum que o ponto de partida e o de chegada sejam os mesmos, mas pode acontecer. Entre estes dois pontos, existe uma construção que tem por objetivo mostrar acontecimentos que fazem com que os arcos dramáticos cheguem ao seu ponto final. Dentro desta construção, também, pode ser evidenciada as motivações que fizeram com que acontecesse a largada do ponto inicial.

Os arcos dramáticos das produções seriadas são basicamente três: arco da temporada, arco dos personagens e arco dos episódios. Em se tratando de uma série aberta, que tenha várias temporadas, os arcos dramáticos são de suma importância. Uma vez que é preciso na passagem de uma temporada para outra refazê-los ou no mínimo ajustá-los. Necessidade essa que dialoga bastante com a fidelidade do público.

Uma das primeiras etapas ao desenvolver uma série é fazer o arco da temporada. Esse arco tem por objetivo definir o que será abordado de forma central do início ao fim da temporada. A trama central tem como primazia começar em um ponto e terminar em outro, de forma evolutiva, em regra, ela não pode ficar estagnada, girando em torno de si mesma, ela precisa caminhar. É comum que ao final da temporada, sejam deixados indícios sobre o que pode ser abordado na temporada seguinte. Esses indícios também podem ser chamados de “ganchos”, uma vez que eles são responsáveis por conectar e fazer a transição de uma temporada para outra.

Além do arco da temporada, que é o arco central, temos também os arcos dos personagens. Personagens principais, antagonistas e coadjuvantes também possuem arcos individuais. Personagens centrais em geral tem o seu arco atrelado ao arco da temporada, mas isso não é uma regra. Além disso, os personagens possuem histórias próprias que se desenvolvem em um ou diversos episódios. A roteirista e produtora Pamela Douglas fala justamente sobre isso.

Histórias podem evoluir ao longo de muitos episódios, especialmente em seriados. Enfatizar incrementos ou parcelas de uma longa jornada em série em vez de amarrar um enredo. No entanto, a maioria dos shows tem algumas histórias que "fecham"

(resolvem-se) dentro de um episódio enquanto outros arcos dramáticos continuam.⁹
(DOUGLAS, 2011, p. 53, tradução minha)

Estes, arcos dramáticos que se fecham ou continuam, são considerados os arcos dramáticos dos personagens. Eles podem ou não ter ligação com o arco dramático central, mas de alguma forma influenciam no comportamento dos personagens e conseqüentemente nas suas decisões. Nada dentro da narrativa pode ser “jogado”, os acontecimentos devem ser construídos com alguma finalidade. Essa finalidade pode ser tanto: a tomada de uma decisão, um empecilho ou algo moral que mude o comportamento do personagem. Existem infinitas possibilidades e todas elas são o ponto de chegada, esse ponto de chegada pode ser o término de um arco. Fim, pronto, acabou. Mas pode ser também o ponto de partida para um novo arco.

Dentro da narrativa seriada é interessante se ter uma visão mais aprofundada sobre os personagens que estão inseridos dentro da trama. Sobre isso, Pamela Douglas diz: “Os personagens continuam ao longo de muitos episódios em vez de concluir um arco dramático como em um filme de duas horas. Concentre-se na profundidade dos personagens em vez de procurar personagens para mudar.”¹⁰ (DOUGLAS, 2011, p. 53, tradução minha)

Uma série aberta é cheia de histórias e cada história tem que ter um fim, por isso é muito importante a construção e elaboração dos arcos dramáticos tanto da temporada quanto dos personagens. As temporadas e os personagens não podem correr em círculos, sem direção em um *looping* infinito. É preciso traçar metas e essas metas são definidas nos arcos dramáticos.

Por fim, temos os arcos dos episódios. Em geral os arcos dos episódios são iniciados e concluídos em um único episódio, mas pode acontecer deles serem compilados em dois ou mais episódios. É até comum vermos nas séries de TV dois episódios com o mesmo nome, diferenciados apenas pelos termos: parte I e parte II. Um grande exemplo de séries que trabalham com arcos neste formato são as séries policiais, que costumam desvendar um crime por episódio. A exemplo cito a série: *Dr. House* (2004 - 2012), que em cada episódio existia um mistério médico a ser desvendado.

⁹ “Storylines may evolve over many episodes, especially in serials. Emphasize increments or installments of a series-long quest rather than tying up a plot. However, most shows have some stories that “close” (resolve) within an episode while other dramatic arcs continue.” (DOUGLAS, 2011, p.53)

¹⁰ “Characters continue over many episodes instead of concluding a dramatic arc as in a two-hour movie. Focus on depth of characters rather than looking for characters to change.” (DOUGLAS, 2011, p. 53)

Trabalhar o arco narrativo das séries é trabalhar com possibilidades. É como ter sempre um fôlego a mais quando as coisas não vão tão bem. É poder dar maior destaque ao que mais agrada o público. Sobre a questão das possibilidades, Pamela Douglas destaca: “Alguns descrevem o arco longo e o fim dele depois de cinco anos no ar. Qualquer método que se adapte melhor a sua série, certifique-se de que você transmite uma “arena” tão rica que suas possibilidades parecem intermináveis.”¹¹ (DOUGLAS, 2011, p. 68, tradução minha). O arco longo ao qual Douglas se refere pode ser entendido como o conjunto de temporadas que compõem a série. Hoje em dia muitas séries são concebidas e pensadas desde o começo até o fim, como em uma novela, mas como em uma novela as coisas também mudam, seja por opção ou por algum caso fortuito ou de força maior. Nada é engessado, cabendo aos roteiristas e produtores saberem lidar com isso. Então, é sempre bom ter várias possibilidades.

2.3.2 Público e Escrita

A escrita de um roteiro é um processo lento e constante, pois sempre existirá algo que possa ser melhorado ou alguma mudança necessária no roteiro devido a fatores externos durante a produção. Além disso, a escrita do roteiro deve ser pensada, não de forma a ser vivenciada como um livro, mas de forma a ser inteligível o suficiente para ser transposta para a tela, seja ela de TV ou de cinema, como afirma Doc Comparato: “O roteiro é o princípio de um processo visual, e não o final de um processo literário.” (COMPARATO, 2000, p. 20).

Para escrever um roteiro é necessário, entre tantas coisas, pensar em como o que será produzido vai chegar ao público e em como este vai recebê-lo. O público é parte importantíssima na concepção de uma obra audiovisual. Em se tratando de séries, o público é ainda mais importante, pois a cada episódio é necessário algo que o cativa, a fim de que ele volte para assistir aos próximos episódios.

Falar da estrutura narrativa de uma série é falar sobre como esta foi construída, desde a coleção de episódios que compõem a temporada até a construção de cada cena. Construir sua estrutura sem levar em consideração o público consumidor é algo bastante ousado, visto que o sucesso de uma série está atrelado ao quanto ela é consumida. Quando digo público

¹¹ “Some describe the long arc and the end of the quest after five years on the air. Whichever method suits your series best, be sure that you communicate an arena so rich that its possibilities seem endless.” (DOUGLAS, 2011, p 68)

consumidor, não me limito ao público alvo, mas ao público que acompanha a série de forma contínua e que vai fazer com que outras pessoas também a assistam. A indicação de uma pessoa que você conhece em muitas situações é melhor do que qualquer campanha de divulgação.

Para se ter ideia da importância do público na construção dos episódios de uma série é só entender que a construção dos episódios seriados é algo pensado de forma a manter sempre a atenção do público. Tradicionalmente, filmes são pensados e divididos em três atos. Como não existem pausas ou comerciais numa sessão de cinema, é mais fácil manter o espectador interessado, porém, com as séries é um pouco diferente. As tradicionais séries de TV necessitavam de intervalos entre suas exibições, o que fez com que produtores buscassem formas de prender a atenção dos espectadores para que eles não as abandonassem ou trocassem de canal quando começassem os intervalos comerciais. Assim sendo, episódios de séries passaram a ser estruturados em quatro atos, outros em cinco e até seis.

Guarde seus livros sobre a estrutura de três atos. Os dramas de TV têm por décadas sido escritos em quatro atos, embora muitos programas de transmissão agora usem cinco atos, e alguns são divididos em seis. [...] Você sabe: um intervalo comercial. Eles não são aleatórios; eles fornecem uma grade para a construção do episódio, em que uma ação resulta em um final inacabado ou ponto de virada [...] ¹² (DOUGLAS, 2011, p. 44, tradução minha.)

Atualmente, com a popularização do *streaming*, existe uma maior liberdade para a divisão dos atos dentro de um episódio, visto que as séries produzidas para o *streaming* não são interrompidas para exibição de comerciais. Algo similar acontece na HBO, como destaca Douglas: “Do outro lado do espectro, séries *premium* na TV a cabo como as da HBO e Showtime não têm pausas e podem ser estruturadas como filmes.”¹³ (DOUGLAS, 2011, p. 45, tradução minha). Mas, com a intenção de manter o espectador atento, vários outros recursos são usados. Entre eles, manter a série em constante movimento, evitando as famosas “barrigas”, onde nada de relevante acontece, trabalhar melhor os ganchos de um episódio para o outro, criar personagens que instiguem o espectador, criar situações em que o espectador crie teorias acerca dos rumos da história, levá-lo a pensar algo e depois frustrá-lo com algo que ele não esperava, mas sem enganá-lo.

¹² “Put away your books on three-act structure. Television dramas on networks have for decades been written in four acts, though many broadcast shows now use five acts, and a few are broken into six. [...] You know: a commercial break. These breaks aren’t random; they provide a grid for constructing the episode in which action rises to a cliffhanger or twist [...]” (DOUGLAS, 2011, p. 44)

¹³ “On the other side of the spectrum, premium cable series like those on HBO and Showtime have no act breaks, and may be structured more like movies.” (DOUGLAS, 2011, p. 45)

O espectador não pode ser tratado como idiota, se ele percebe que determinadas situações fogem da realidade proposta pela série, ele provavelmente vai fugir da série. Um exemplo extremo seria escrever um episódio cômico em uma série com teor dramático muito forte, provavelmente não daria certo e o público notaria nas primeiras cenas do episódio. Algo simples que pode acontecer e revoltar o espectador, é fazer um personagem tomar uma decisão ou atitude que ele jamais tomaria. As decisões dos personagens têm que ser condizentes com as trajetórias percorridas e respeitar o perfil deles. Fazer algo fora desta premissa, é fazer com que o público desacredite da história que está sendo contada.

Não existe uma tabela de regras que devem ser seguidas ao se desenvolver um roteiro audiovisual, existem diversas técnicas e essas são usadas e adaptadas conforme o que está sendo desenvolvido.

Um preceito técnico que faz bastante sentido é sempre construir cenas que tenham propósito e que digam algo que coloque a narrativa em andamento. Cenas têm diversas finalidades, elas demonstram emoções, criam expectativas e frustrações, mudam a dinâmica e sentido da narrativa, revelam algo sobre as personagens. Se uma cena não tem um propósito, provavelmente ela pode ser descartada. Ao escrever uma cena, saber o propósito dela é ter certeza de que ela é importante para a narrativa como um todo. Além de fazer uma narrativa mais dinâmica, isso também estimula um olhar diferente do espectador. Doc Comparato escreve algo que dialoga bastante com o exposto.

A mensagem tem sempre uma intenção. É inútil tentar fugir à responsabilidade de emitir. Tudo é escrito para produzir uma influência. É o ethos, a ética, a moral, o significado último da história, as suas implicações sociais, políticas, sociais e anímicas. O ethos é aquilo que se quer dizer, a razão pela qual se escreve. Não é imprescindível que seja uma resposta; pode ser uma simples pergunta. (COMPARATO, 2000, p. 21)

Dentro de uma narrativa seriada, diversas cenas podem fazer sentido somente nos seguintes episódios ou nos episódios finais. Esse tipo de recurso faz com que o espectador observe a narrativa de forma diferente, estimula com que ele preste atenção nos pequenos detalhes, pois esses são repletos de significados. Agora, se o contrário acontece, se uma cena é mostrada e não existe significado algum, o espectador começa a assistir aquilo sem tanta atenção. Consequentemente, ele perde o interesse por um episódio, e por outro, até se desinteressar pela série inteira.

A escrita e o público estão diretamente ligados, pensar a escrita de uma série sem levar em consideração o público consumidor é como dar um tiro no escuro. Pode dar certo?

Pode. Mas a chance de errar é muito maior. O público é parte fundamental para o sucesso de uma série e deve ser levado em consideração em todas as etapas de produção, principalmente da roteirização, pois a série é o reflexo do que está escrito no papel.

3 Processos criativos

A ideia de fazer a série “Nossa cor, Nossa história” surgiu pouco antes de eu cursar a disciplina “Pré-projeto em audiovisual” no 1º semestre de 2020. Naquela época, eu sentia a necessidade de fazer algo que fosse relevante de alguma forma, não só para a sociedade, mas para mim enquanto pessoa, pessoa essa que se sentiu perdido durante o curso, sem saber em qual área se encaixar. Por mais que eu tenha trabalhado em diversas áreas do audiovisual, o final do curso se aproximava e eu tinha a impressão de que eu não havia produzido nada de relevante, esse sentimento era forte. Recentemente percebi que eu queria trabalhar algo pensado e concebido por mim, que eu pudesse ler/ver e sentir orgulho do que fiz.

A escrita sempre foi um local no qual me sentia bem, pois através dela é possível criar e viver uma realidade diferente da nossa. Desde criança tive ela como refúgio, lembro de escrever as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*, enquanto as assistia na televisão. No teatro, atuei e dirigi algumas peças, essa foi uma experiência que fez com que eu me apaixonasse ainda mais pela arte de contar histórias. Sempre fui fissurado por novelas, filmes, a televisão de forma geral, mas ao longo dos anos desenvolvi uma paixão pelas séries, essa paixão foi um *start*: E se eu criar uma série? Daí nasceu a história de “Ondas do oeste”, título provisório da série. Título esse que hoje não me soa tão bom quanto soava e que sinceramente não me recordo por que a intitulei assim. O título “Nossa cor, Nossa história” surgiu da inquietação de fazer a série soar mais próxima dos personagens e do público. O título da série “*This is us*” foi uma inspiração, assim como toda a série. *Esses somos nós*, em tradução livre, é bem intimista e era algo nesse sentido que eu queria. A inspiração final veio de dentro da série, entre um diálogo de pai e filho.

JACK
Filho, eu não enxergo a sua cor,
só enxergo o meu filho que eu amo tanto!
RANDALL
Então você não me enxerga, pai...

Para contextualizar, Jack é o pai adotivo de Randall, um menino negro criado em uma família totalmente branca. Essa fala é muito forte e ao mesmo tempo traz vários

questionamentos, para quem acompanha a série é nítido o amor que o pai tem pelo filho e isso nem é questionado. Mas, seria possível dissociar uma pessoa da cor da sua pele? Ainda mais se essa pessoa for uma pessoa negra? Acredito existir apenas uma única resposta para essas duas questões. E ela é: Não. Tendo isso em mente, e com o conhecimento adquirido no curso, percebi que a história do Brasil, do povo negro brasileiro, está sempre atrelada a sua cor, seja na marginalização do preto e pardo ou na tentativa de embranquecimento da população a partir da imigração, tudo na tentativa de apagar ou diminuir o negro, sempre em função da sua cor. A história do povo negro é uma história escrita na pele, através do açoite e da marginalização, uma história que deixou marcas que perduram até hoje, não é possível uma separação. É a nossa cor, nossa história.

A escolha no título casou super bem com a premissa da série : “Luiz é jovem alegre e trabalhador. Revelações sobre sua morte vão impactar de diversas maneiras sua família. Neste drama de ficção, protagonizado por pessoas negras, acompanhamos as diferentes formas de uma família vivenciar o luto frente ao genocídio do Estado.”. O título reflete o *logline*, é impossível lê-lo e não pensar que o título faz todo sentido.

Entre o nascimento da ideia central da série e a seu efetivo desenvolvimento, foram mais de dois anos, nesse período a série sempre esteve viva e presente na minha cabeça, várias reflexões e diversas ideias surgiram e até se perderam em tantos pensamentos, agora era hora de organizar tudo no papel.

3.1 Arco da temporada

O primeiro passo para a concepção física da série foi construir o arco da temporada. Como dito anteriormente, foram mais de dois anos pensando nos personagens e em como desenvolver a história, saber como ela se desenrolaria, as consequências que cada personagem sofreria com as descobertas envolvendo a morte de Luiz e os conflitos à parte em suas vidas e como eles se relacionariam com a história central.

Ao criar o arco da temporada tive algumas dificuldades, a primeira em relação ao perfil de alguns personagens, mas esse tópico será esclarecido mais adiante. A segunda dificuldade estava relacionada ao que seria abordado na série. Por se tratar de uma série com múltiplos protagonistas, na minha cabeça existiam diversas histórias, que transitariam entre os dias atuais e o passado, passado este que é de extrema importância para compreender o perfil psicológico dos personagens.

Mantendo essa premissa, de revisitar o passado e mostrar situações relevantes para a compreensão dos personagens e da narrativa, optei por limitar a primeira temporada no conflito central da série, a morte de Luiz e a busca por justiça. Ao mesmo tempo, desenvolver outras histórias, deixando-as em aberto de forma que seja possível desenvolvê-las em uma eventual segunda temporada. Assim sendo, o arco da temporada tem por objetivo principal abarcar o desenvolvimento dos cinco protagonistas a partir dos impactos da morte de Luiz em cada um deles, e ao mesmo tempo amarrar a narrativa desde a morte de Luiz até a luta por justiça e ainda encaminhar histórias e conflitos que possam ser desenvolvidos futuramente.

As escolhas acima não foram feitas de forma aleatória, elas foram pensadas com a finalidade de fisgar o espectador. Penso que é de extrema importância desenvolver personagens com os quais o público se identifique, sem esses personagens, dificilmente as pessoas acompanhariam a série, outro ponto, é criar na cabeça do espectador o “E agora?”. Esse questionamento faz com que o espectador seja mais participativo, criando teorias e abrindo discussões acerca dos próximos acontecimentos. A junção desses pontos potencializa a fidelidade do público e conseqüentemente o sucesso da série.

Por se tratar de uma série que transita entre presente e passado, julguei ser de extrema importância criar uma linha temporal com os pontos mais importantes das vidas dos personagens e que são relevantes para desenvolver não só o arco da temporada, mas também todo o processo de roteirização. A linha temporal é marcada por acontecimentos anuais, desta forma é possível se localizar e datar anualmente *flashbacks* e acontecimentos relevantes para o desenvolver da narrativa ou personagens.

Na linha temporal é possível ver acontecimentos que não fazem parte do arco temporal da primeira temporada ou que não serão aprofundados, mas mesmo assim, eles são relevantes para que o desenvolvimento da série não sofra incongruências ou que o espectador não se perca nos acontecimentos da narrativa.



Figura 1 - Linha temporal da série

O processo para desenvolvimento do arco da temporada foi feito concomitantemente com o desenvolvimento e perfil dos personagens. Acredito, ainda, que o perfil dos personagens por vezes se sobressaiu ao arco da temporada, isso pra mim fica claro, quando tive que optar em não me aprofundar muito em algumas histórias particulares dos personagens e manter o foco nas revelações sobre a morte de Luiz e na luta por justiça.

3.2 Personagens

Pensar nos personagens da série e suas características psicológicas não foi uma tarefa fácil, mas muito gostosa. Como dito anteriormente, foram mais de dois anos imaginado e repensando os acontecimentos possíveis para a série e durante esse período várias cenas e situações foram criadas em minha cabeça, algumas destas não são abordadas na primeira

temporada da série, porque muitas delas requerem um desenvolvimento mais aprofundado, o que implicaria mais tempo e mais episódios. Durante esse período me questionei sobre questões como veracidade e em como os personagens reagiriam a cada situação, sobre suas histórias de vida, suas qualidades e defeitos. A intenção principal sempre foi criar personagens com os quais o público se identificasse e que tivessem histórias que instigassem ele a acompanhar cada trajetória.

Durante esse processo vários filmes, séries, reportagens, leituras e principalmente músicas ajudaram na criação de cada personagem. A música sempre foi um instrumento de inspiração muito forte e foi escutando música que também escrevi alguns outros roteiros. A nossa cultura está recheada de músicas que denunciam, criticam e relatam a vida das pessoas na periferia e nas comunidades, outras, não fazem esse relato mas dão um clima único e conseguem situar o ouvinte naquele ambiente, seja pela voz, a forma de cantar ou em como a melodia nos toca.

Cantores como Iza, Xamã, Agnes Nunes, Lineker, Maria, Elza Soares, Washington Duarte, o grupo Tuyo, Ludmila, Johnny Hooker, entre outros, embalaram todo o processo de criação da série, em especial dos personagens. Não é possível listar todas as músicas, mas deixo o link da playlist na plataforma *Spotify* e destaco algumas que seriam interessantes de serem escutadas durante a leitura do roteiro do episódio piloto e da bíblia da série que compõe esse trabalho.

https://open.spotify.com/playlist/2CzaRCLuJigGNlufxT6sm6?si=ZQQ_laccQPOk6dbqtGvJgw&utm_source=copy-link

Figura 2 - Link spotify: Nossa cor, Nossa história

Entre elas estão: *A carne* de Elza Soares, *Eu sou* de Washington Duarte, *Perdão* de Maria, *Zero* de Lineker, *Cida* de Agnes Nunes e Xamã, *Seu rei* também de Xamã, *Dona de mim* e *Meu talismã* de Iza e *Vida loca* do grupo Tuyo. Acredito que a música tem o poder de nos emocionar e inspirar, e que podemos ressignificar ela conforme nossas vivências. Que ela toca cada ser de forma única e singular e que através dela é possível criar uma infinidade de sensações, algumas indescritíveis, e tudo isso foi aproveitado ao máximo no processo de criação da série.

Durante a criação dos personagens foi necessário repensar algumas situações e conseqüentemente o perfil de cada personagem. No início, alguns personagens estavam com perfis muito similares, a exemplo disso cito a personagem da Cida e da Luanna que a

princípio seriam mulheres enlutadas. O que por muitos poderiam ser consideradas “fracas”. Isso me fez pensar melhor e desenvolver a personagem da Luanna como uma mulher que foge do estigma de fraca e frágil, que não desiste das coisas que acredita. O luto ainda está presente, não de maneira tão forte, até porque cada indivíduo tem uma maneira singular de passar por esse processo. No caso da Cida, a mudança ocorreu mais em relação ao seu arco dramático. Nos próximos parágrafos, vamos entender melhor a criação de cada um dos cinco personagens principais e compreender suas características e personalidades.

Começando pelo Luiz, ele é um personagem que morre logo no episódio piloto e é a partir disso que a história da série se desenvolve. Pensando enquanto criador e espectador, o que fazer para que esse personagem “caia nas graças do público”? O fato dele ser um homem negro morto em uma operação policial já seria uma boa razão para que as pessoas criem apreço por ele, mas parar aqui não é suficiente. Isso poderia abrir margens para interpretações sobre a vida dele, interpretações que vão de encontro ao racismo enraizado na sociedade, associando ele a bandidagem - guarde esse ponto - e “justificando” a morte (injustificável) dele com argumentos racistas.

Então, o personagem do Luiz deve ser o que muitos autores chamam de herói, a figura do herói está presente no seu perfil, ele é um cara apaixonado pela namorada e que assume o filho de outro sem quaisquer ressalvas. Ele é o filho que defende a mãe das agressões do padrasto, ele é o amigo conselheiro do primo e é a figura paterna do irmão. Ele é um jovem cheio de qualidades e que teve a vida interrompida pela brutalidade do Estado. Acredito que com essas características fica difícil associá-lo a mal caráter ou qualquer coisa do gênero. Esse personagem é o alicerce da trama, a sua relação com os demais é o pontapé inicial para desenvolver os outros personagens e suas relações. Seu perfil reflete as razões pelas quais a dor e a perda são tão fortes em seus familiares. Luiz não é um personagem que representa o homem ideal, ele é um personagem com qualidades e defeitos, a insegurança é o maior deles e também a razão para o fim de seu relacionamento com Luanna. Porém, as circunstâncias e a forma como sua vida são tiradas fazem com que seus familiares o vejam de forma estimada, destacando mais que tudo suas qualidades.

Partindo para a personagem da Cida, essa é a personagem que achei mais difícil de desenvolver, pois é muito difícil desenvolver de forma verossímil a dor de uma mãe, ainda mais negra, que perdeu o filho de forma tão brutal. O luto de uma mãe é algo único e muito individual, uma mãe enterrar um filho é algo antinatural. No ciclo da vida, os filhos enterram os pais e não o contrário, se esse ciclo segue seu curso normal, a aceitação tende a ser mais fácil. Outro ponto, está na dificuldade em externalizar esse sentimento. Somado ao fato de ser

uma morte repentina, sem muitas respostas e esclarecimentos, e todas questões sociais que uma mulher negra passa, de não ser ouvida ou ter sua dor reconhecida, isso desperta uma mistura de sentimentos que perpassa por raiva, tristeza e não aceitação.

Além disso, a personagem já vem de um histórico cheio de traumas: a perda do primeiro marido por negligência médica, a violência sofrida durante o segundo casamento, a única família que ela tem são os filhos e o sobrinho e ainda existe uma distância emocional entre ela e o filho mais novo. Todas essas características poderiam fazer com que a personagem soasse muito sofrida e não agradasse. A solução encontrada foi pensar o seu arco dramático de forma muito particular, criando na primeira temporada uma evolução muito clara da personagem: uma mulher enlutada que perdeu a fé e que se torna forte quando encontra na luta por justiça um propósito e motivação.

Essa luta por justiça é uma das formas da Cida externalizar a sua dor e as suas angústias, o sentimento de raiva e tristeza se condensam em uma única coisa, um único propósito. O relato de uma mãe negra que também perdeu o filho por causa da violência do estado reforça esse pensamento como algo necessário.

O nome do ato me chamou a atenção. “As festas nos estádios não valem as lágrimas das favelas”. Eles convidavam famílias que sofreram alguma violência por parte do Estado a participarem do ato. Minha mãe, meus irmãos e sobrinhos quiseram ir. Nós já tínhamos feito manifestações na missa do Johnatha e na favela. Mas o ato no Chapéu Mangueira foi o primeiro fora de Manguinhos que eu fui. Eu queria ir até lá para falar o que aconteceu com meu filho e com outros jovens aqui em Manguinhos. **Era preciso botar essa dor para fora, se não, ela ia me matar** (grifo meu). (ANA PAULA, 2018 apud BRITO, p. 57)

João Pedro, esse é um personagem que traz um frescor para a trama, ele é jovem e essa juventude traz para trama a possibilidade de transitar por diversos lugares, há a possibilidade de ele acertar e errar nas mesmas proporções, ter vários momentos de descobertas e sofrer com os percalços impostos na vida de um jovem negro. Ele é um jovem, por muitas vezes “brigão”, mas tem um bom coração, sofre a ausência do irmão de forma muito sozinha, não externalizando isso. Além do mais, é um menino descobrindo a sua sexualidade, fato esse que pode render muitos conflitos, internos e externos. Ser um jovem gay já é difícil na sociedade, ser um jovem gay e negro é ainda mais complicado, mas os conflitos adivindos daí fazem parte do seu amadurecimento e consequentemente da sua evolução dramática. Esse ponto não é abordado de forma aprofundada na primeira temporada, mas é importante mencioná-lo para que se entenda de forma mais completa o perfil e arco dramático do personagem.

Criar uma personagem feminina não é uma tarefa fácil, visto que a forma de pensar e agir das mulheres são bem diversas e particulares. Por vezes vemos em séries e principalmente novelas mocinhas sofridas e muito dependentes, o que não agrada bastante o público. Criar a personagem Luanna foi dar a ela o status de mocinha, mas subvertê-lo em uma mocinha fora dos padrões convencionais. A mocinha das produções audiovisuais tradicionalmente são construídas a partir da branquitude. Com poucas exceções, as produções costumam reforçar um padrão de mulher branca e frágil que necessita sempre ser resgatada ou ajudada. Com a Luanna é diferente, ela é uma mulher negra que por meio de muita luta, supera e corre atrás daquilo que ela quer e acredita. Ela é uma “mocinha fora da caixinha” que foi criada sozinha pela avó, sua única família. Desde de jovem namorou Luiz, seu grande amor, a perda dele é dolorosa para ela, mas ela se mantém forte, apegada aos bons momentos. Batalhou e continua batalhando para ter uma formação. Depois da morte do namorado, não consegue engrenar um relacionamento, mas isso muda quando ela começa a se relacionar com um homem sem saber que ele é policial, o que vai gerar na personagem grandes questionamentos. Uma mulher negra e forte era o que a série precisava. Patrícia Hill Collins em o Pensamento Feminista Negro discorre sobre os estereótipos da mulher - imagens de controle - negra e sobre seus significados.

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição de mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição de mulher negra. Para tal, exploram símbolos já existentes, ou criam novos. Hazel Carby sugere que o objetivo dos estereótipos não é “refletir ou representar uma realidade, mas funcionar como um disfarce ou mistificação de relações sociais objetivas”. **Essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana** (grifo meu). (COLLINS, 2019, n.p)

Bell hooks destaca no texto O olhar opositivo (2017): “Mesmo quando as representações da mulher negra estavam presentes nos filmes, nossos corpos e seres estavam lá para servir [...]”. Era necessário criar um olhar opositivo e fugir do estereótipo da mulher negra e submissa, e não naturalizar ainda mais essas imagens. Luanna não leva desaforo para casa e não vai deixar ninguém dizer o que ela deve ou não fazer.

Por fim, temos o personagem do Marcos, expulso de casa pelo pai alcoólatra vai morar com a família de Cida, mas a má relação com o tio o faz sair de lá, desta forma ele abandona o judô, esporte no qual era tido como atleta promissor e para se manter acaba se

envolvendo com a criminalidade. Um personagem de extrema complexidade e que dialoga com a realidade de muitos jovens negros do Brasil.

E lutar pela sobrevivência significa,[...]. Que se pense, aqui, nos casos de exploração do trabalho infantil em nosso país, tanto no campo quanto na cidade (em termos urbanos, por exemplo, que se pense nos pequenos vendedores, engraxates, lavadores de carro etc.). Certamente o futuro que aguarda aqueles que sobrevivem será, para os jovens negros, **a revolta diante da falta de oportunidades que uma sociedade racista procura reforçar** (grifo meu) segundo os mais variados estereótipos (“negro é burro, incapaz intelectualmente, preguiçoso, irresponsável, cachaceiro” etc.). (GONZALEZ, 2020, p. 41)

A revolta diante da falta de oportunidades que a autora fala, também pode ser tida como a falta de uma estrutura familiar que proporcione essas oportunidades. Quando um jovem no início da adolescência se vê sozinho, sobrevivendo sozinho, sem apoio, a primeira coisa que ele faz é abandonar o que poderia lhe proporcionar um futuro melhor, no caso de Marcos os estudos e o esporte. Mesmo assim, as dificuldades ainda persistem, pois a sociedade, como a autora reforça, é racista. Qual, então, seria a solução? Um jovem negro, que precisa sobreviver, que não tem com quem contar. Poderia ele escolher outro caminho? Talvez a criminalidade não seja a última saída, mas com certeza é uma saída de fácil acesso, considerando o ambiente em que se vive. Essa é uma realidade que faz parte da vida de muitos jovens negros em diversos locais do Brasil, é o reflexo da falta de equidade vivida por homens e mulheres negros no Brasil.

A história individual do personagem se comunica com a trama central no sentido em que a figura do indivíduo negro é vista como marginal. Lembra daquele ponto que pedi para que guardasse? Então, retomando, Luiz é um jovem negro morto pela polícia sem qualquer envolvimento com o crime ou bandidagem, mas ele tem um primo, que vai ser preso por tráfico de drogas. Isso vai ser o suficiente para que a imprensa e a polícia crie “indícios” do envolvimento de Luiz com o crime, desta forma marginalizando um homem negro morto em uma operação policial.

Um dos mecanismos mais cruéis da situação do negro brasileiro na força de trabalho se concretiza na sistemática perseguição, opressão e violência policiais contra ele. Quando seus documentos são solicitados (fundamentalmente a carteira profissional) e se constata que está desempregado, o negro é preso por vadiagem; em seguida, é torturado (e muitas vezes assassinado) e obrigado a confessar crimes que não cometeu. De acordo com a visão dos policiais brasileiros, **“todo negro é um marginal até prova em contrário”** (grifo meu). Claro está que esse consenso setorial não é uma casualidade. (GONZALEZ, 2020, p. 40)

Mesmo depois de morto e sem qualquer prova do envolvimento de Luiz com o crime, o personagem do Marcos é usado para associar Luiz a bandidagem e assim justificar a sua morte. Cabe a quem provar o contrário? Essa função acaba nas mãos da família que por vezes não tem recursos ou estrutura psicológica para isso. Aqui existe uma inversão de papéis, onde o negro tem que provar sua inocência, ao invés de, a polícia ter que provar sua culpabilidade. E isso acontece mesmo após a sua morte. O relato de Ana Paula, mãe que perdeu o filho, deixa isso muito claro.

[...] Se eles tivessem matado meu filho e pedido perdão, tivessem reconhecido que não deveriam ter feito aquilo, provavelmente, eu teria deixado ser enganada por eles. Mas não, para eles não bastava matar. Era preciso também criminalizar. (ANA PAULA, 2018 apud BRITO, p. 84)

Esclarecendo, que não existe a intenção de desenvolver essa trama na primeira temporada, mas que o arco dramático de Marcos caminha para que isso possa acontecer. Por vezes, é necessário saber para o que se está caminhando para assim compreender melhor quem é determinado personagem.

3.3 Quadro da temporada

A ideia de fazer o quadro da temporada surgiu quando tive contato com outros trabalhos acadêmicos que também desenvolveram narrativas seriadas. Até então não tinha conhecimento sobre este método e a ideia inicial era desenvolver argumentos focados em cada episódio. Diante desse método, que julgo ser muito interessante, optei por desenvolver o quadro da temporada, ao invés dos argumentos. Acredito que o quadro possibilita uma melhor compreensão das minhas ideias e do que quero desenvolver em cada episódio, além disso, o quadro também possibilita uma melhor visualização do arco da temporada e do arco dramático de cada personagem. Assim como, a evolução das tramas individuais e a evolução narrativa da série, mostrando o ponto de partida da temporada até o seu ponto de encerramento, com todos seus desdobramentos e consequências.

Antes de partirmos para uma análise mais detalhada do quadro da temporada, preciso deixar evidente algumas coisas. A primeira é que a temporada inicial, composta por seis episódios, tem como primeiro objetivo desenvolver os personagens e tramas individuais. A trama da Cida está mais incorporada à trama principal do que as demais e acaba tendo maior destaque nos dois últimos episódios. Cada personagem tem um tempo maior de tela em

determinado episódio. Desta forma o primeiro episódio é mais focado em Luiz, o segundo em João Pedro, o terceiro em Marcos, o quarto em Luanna, o quinto e o sexto em Cida. A narrativa é composta por mais de uma linha temporal e se utiliza bastante de *flashbacks*, cenas que retomam situações anteriores. No quadro da temporada, essas cenas, que não fazem parte da linha temporal principal, presente, estão destacadas de vermelho, desta forma fica mais fácil a diferenciação temporal dos acontecimentos.

Nossa cor, Nossa história	1º ep	2º ep	3º ep	4º ep	5º ep	6º ep
<i>Cida</i>	Cida rezando / Presentimento ruim / visita ao túmulo do filho / perda da fé / chora a morte do filho	Ela dá parabéns a João Pedro / é aconselhada a ir a uma roda de conversa / vai a roda de conversa	Cida se desespera com a morte de Luiz	Cida recebe a ligação de uma repórter / consola Luiz após o término com Luanna / ela se encontra com a repórter que mostra um vídeo de policiais no local da morte de Luiz / vai a roda de conversa	Cida se arruma para ir ao MP / espera por horas no MP / promete para si que não vai descansar até ter justiça / Cida procura o autor do vídeo, é uma criança / a roda de conversa vai ajudar Cida / Cida se mostra confiante na busca por justiça	Confeciona cartazes para um protesto / observa a foto de Luiz / no protesto há conflito com a polícia e Cida se mantém firme ao imaginar Luiz sorrindo para ela no protesto / defende João Pedro de um policial / (pessoas saem feridas)
<i>Luiz</i>	Se despede de Luanna / É morto enquanto trabalhava	brinca com João Pedro (criança)	Aconselha marcos a deixar a criminalidade	Sofre pelo término com Luanna / Luiz termina outro relacionamento para voltar com Luanna / Luiz descobre que Luanna está grávida de outro / decide assumir o bebê	Defende Cida do padastro	Sorri para Cida no protesto
<i>Luanna</i>	É vítima de racismo e bate no seu agressor / vai ao cemitério / relembra a gravidez e Luiz montando o berço / conversa com João Pedro	É demitida / relembra momentos com Luiz / é consolada pela avó / decide voltar a estudar	Ela procura emprego / vai a faculdade / descobre a morte de Luiz	Começa a trabalhar como babá / relembra o aborto que teve / Luanna termina com Luiz / Luanna e Luiz reatam / Luanna descobre que está grávida / Luanna passa mal no velório de Luiz / tem um encontro casual	Recebe mensagens de um ficante / Vai ao MP com Cida / se encontra com o ficante	Troca mensagens com o ficante (ele é policial e ela não sabe) / leva vários cartazes para o centro da cidade (há uma base na roda de conversa) / leva um tiro de borracha no protesto
<i>João Pedro</i>	Indo para escola / Briga na porta da escola/ conversa com Luanna e reprime lembranças do irmão morto / sai escondido de casa	É seu aniversário / chora na festa onde foi escondido / é observado por uma garoto / uma garota agradece ele por a ter defendido e o beija / abre o presente que o irmão comprou antes de morrer	Pede que a mãe ajude Luanna a conseguir um emprego de babá / fica sabendo da morte do irmão	João faz entregas / ele conversa com o garoto que o observava e são abordados pela polícia	Pede a mãe para ir numa festa / fica com o garoto na festa	Distribui panfletos do protesto "justiça para Luiz" / manda mensagem para Marcos perguntando onde ele está / vê o garoto com quem ficou no protesto / um policial aponta uma arma para ele
<i>Marcos</i>	Recebe pacotes suspeitos / aconselha João Pedro sobre as brigas / vende drogas	Fica responsável por guardar drogas / marcos aparece com a camisa suja de sangue	Marcos fica sabendo que há polícia na comunidade e tem que esconder mais drogas / Marcos passa pelo local onde o primo foi baleado e relembra o que aconteceu: ele leva Luiz para o hospital / relembra as dificuldades que passava quando foi expulso de casa / descobre que Luiz morreu / Marcos conta a família que Luiz morreu	Checa as drogas em sua casa	É ameaçado pelo chefe do tráfico / se mostra arrependido da vida que tem	Marcos avisa que vai direto ao protesto / em uma operação na comunidade marcos é perseguido e preso / policiais reviram a casa de marcos e não encontram nada

Figura 3 - Quadro da temporada

Para a elaboração do quadro da temporada, a primeira coisa que fiz após concluir o arco da temporada foi identificar o que eu iria abordar em cada episódio. Decidi que cada personagem teria foco maior em um determinado episódio. Comecei pelo início, mas já sabendo que o último episódio seria focado na narrativa Cida. O meu processo de escrita e desenvolvimento da série tem bastante disso, eu preciso saber o final, onde eu quero chegar, para assim dar início ao processo de escrita. Chegar ao protesto era o objetivo.

Com o final da temporada em mente, comecei produzindo uma escaleta inicial dos acontecimentos e cenas de cada episódio. Partindo do acontecimento central da narrativa, a morte de Luiz, no episódio piloto, optei por retratar a narrativa em duas linhas temporais, que tem por objetivo surpreender o espectador, uma retrata o dia da morte de Luiz e a outra exatamente um ano depois, esta segunda acompanha o dia a dia de sua família. A diferenciação temporal só fica evidente ao final do segundo ato do episódio.

No segundo episódio, acompanhamos mais de perto João Pedro, descobrimos que ele brigou para defender uma colega, descobrimos onde ele foi quando saiu de casa escondido e que ele faz aniversário um dia após a morte do irmão e que ele guarda um presente do irmão, que ainda não foi aberto. Neste episódio também vemos as consequências das atitudes de Luanna, ela é demitida depois de reagir de forma violenta contra uma mulher que a trata de forma racista.

No terceiro episódio, acompanhamos a trajetória de Marcos e descobrimos um pouco mais sobre sua vida, desde o primeiro episódio vem sendo evidenciado seu envolvimento com o tráfico de drogas. Aqui as razões para sua iniciação com o crime são mostradas e percebemos que nem sempre tudo é o que parece.

No quarto episódio será abordado a vida amorosa de Luanna, vamos entender melhor as circunstâncias de sua gravidez, o término e a volta do relacionamento dela com Luiz. Além disso, começaremos a acompanhar os passos iniciais de um novo relacionamento e o seu primeiro dia no emprego como babá, esse último o pontapé inicial para ela reviver algumas memórias. Ainda neste episódio, Cida descobre o envolvimento da polícia na morte de Luiz e João Pedro é abordado pela polícia juntamente com outro garoto.

O episódio cinco é resultado da descoberta de Cida, nele acompanhamos a trajetória dela para que a justiça seja feita. Mesmo diante das dificuldades, ela não desiste. Investigando por conta própria quem fez o vídeo no dia da morte de Luiz. Ainda temos, João Pedro descobrindo sua sexualidade e se envolvendo com o mesmo garoto que estava com ele no dia que ele foi abordado pela polícia. Neste episódio, as coisas se encaminham para o

episódio final, com a roda de conversa - grupo que dá suporte a familiares que perderam entes queridos - apoiando Cida.

No episódio final, tudo converge em dois grandes acontecimentos, o protesto que busca justiça para o filho de Cida e a operação policial que culmina na prisão de Marcos, mostrando que todas “escolhas” têm consequências. Esse episódio, também, revela que o homem com o qual Luanna se relaciona é um policial. O grande ápice do episódio é o amadurecimento e crescimento de Cida, aqui fica evidente que ela deixou para trás aquela mulher que foi apresentada no primeiro episódio.

Durante o decorrer da temporada as circunstâncias relacionadas a morte de Luiz são esclarecidas, os cinco personagens principais são apresentados e previamente desenvolvidos. A história é amarrada, excluindo a possibilidade de Luiz ter sido vítima de bala perdida. E como desfecho encaminho as histórias para novos conflitos. O que acontecerá quando Luanna descobrir que o homem com o qual se relaciona é um policial? O que vai acontecer com Marcos após sua prisão? Como João Pedro vai lidar com a sua sexualidade? E será se Cida vai conseguir justiça? Várias questões para instigar ainda mais o espectador.

Com o quadro da temporada feito, foi possível identificar o que estava caminhando durante o desenrolar da trama e o que parecia solto e sem justificativa. Identificado isso fiz ajustes em determinados episódios para que nada fosse imediato, que tudo caminhasse em harmonia. Pensando assim e com o quadro da temporada pronto, parti para o processo de roteirização do episódio piloto.

3.4 Roteiro

A escrita do roteiro foi um processo muito prazeroso de se fazer, mas, ao mesmo tempo, demorado e frustrante. Pensar nas cenas, nas formas dos personagens falarem, em como descrever os ambientes é um trabalho que requer muita reflexão. Optei por seguir por partes e ir revisando o roteiro por etapas até ter uma primeira versão.

Num primeiro momento, dividi o episódio piloto em três atos, sendo a mudança de cada ato uma transição que consideramos “um ponto de virada”. O fim do primeiro ato é marcado pela morte de Luiz, o segundo ato se encerra com o esclarecimento de que se passou um ano após a morte de Luiz. Ou seja, entre o fim do primeiro ato e início do segundo há um salto temporal de um ano. O terceiro ato é finalizado com a saída escondida de João Pedro e com a elucidação de que havia policiais armados onde Luiz foi morto.

Com os atos já definidos fiz uma escaleta dentro de cada ato, descrevendo cena por cena, na ordem cronológica do episódio. Enquanto fazia a escaleta fui decidindo sobre o que mostrar, sempre que marcava alguma cena, me perguntava: Isso vai servir para que? Desta forma pude escolher cenas que sempre tivessem significado, que não fossem descartáveis ou não tivessem nada a acrescentar.

Com a escaleta definida, comecei o processo de roteirização. Algumas cenas foram mais fáceis de fazer, pois já estavam parcialmente definidas nos meus pensamentos durante os últimos dois anos. Outras, precisei parar e pensar em como descrever e por qual caminho seguir, o que muitas vezes me deixava frustrado, pois tinha a impressão que o tempo estava passando e o roteiro não ficava pronto. Dentro do processo de roteirização, percebi que em alguns momentos era necessário algumas ligações ou inversões de cenas, para que recursos como os *flashbacks* se encaixassem melhor.

Outra coisa que me deixou um pouco chateado, comigo mesmo, foram as descrições das cabeças de cenas, que não pareciam inteligíveis. Não que eu não entendesse. Ao meu ver, quem fosse ler o roteiro talvez não entendesse. Confuso? Também achei. Por isso, resolvi deixar para lá e só mexer depois que tivesse escrito todas as cenas. Concluído todas as cenas, voltei em cada cabeça de cena, fazendo os devidos ajustes, marcando o que era *flashback* e quando as cenas retornavam ao presente, descrevi as locações com mais detalhes. Desta forma, as marcações ficaram inteligíveis. Para fazer isso, recorri a leituras de roteiros já filmados de séries que eu conheço. Pude perceber que não existe um padrão a ser seguido, como nas normas da ABNT, mas, o importante é que quem esteja lendo entenda o que está sendo passado, inclusive o que está entre as entrelinhas.

Outra coisa que me deixou um pouco pensativo foi que propus escrever um roteiro para episódio de quarenta minutos. E, ao concluir todas as cenas iniciais, o roteiro teve apenas trinta e cinco páginas. O que não condiz com a métrica de uma página por minuto, que diga-se de passagem sempre achei que não condiz com a realidade. O que me tranquilizou foi perceber que existem roteiros de trinta e três páginas que rendem episódios de cerca de quarenta minutos e também roteiros de sessenta páginas que rendem episódios de quarenta minutos. Com isso em mente, deixei de lado a premissa de uma página por minuto e me atentei a mostrar o que é importante para narrativa, sem criar "encheção de linguiça" com o intuito de entregar páginas contadas, focando assim no conteúdo. Pamela Douglas diz algo em seu livro que dialoga bastante com isso.

Observe também que estou usando as palavras “minuto” e “página” de forma intercalada. Isso é apenas abreviação. Um minuto por página pode ser uma média, mas nem sempre é exato. As páginas de diálogo se movem mais rápido, enquanto a ação consome mais tempo. Como em todos os meus conselhos de construção, estou apontando um projeto geral, não policiando se você vai colorir fora das linhas!¹⁴ (DOUGLAS, 2011, p. 107, tradução minha)

Depois de resolver as minhas próprias questões e frustrações, voltei ao roteiro e comecei a revisar os diálogos e as cenas. Nessa etapa o foco foi não deixar furos no episódio, observar como as cenas se costuram e sanar qualquer buraco. Em relação aos diálogos, revisar o modo com que cada personagem fala e se expressa, conferindo a eles um modo próprio e individual de se expressar. Também fiz uma revisão em relação a como os personagens são apresentados, como eles se relacionam e se comportam.

Na revisão dos diálogos achei pertinente reescrever vários dos diálogos iniciais. Isso se deu por duas finalidades distintas. A primeira, para que os diálogos não soassem de forma igual para todos personagens, atribuindo formas distintas de se expressar a cada um deles. A outra finalidade era que os diálogos não ficassem muito mecânicos, tanto na forma de falar quanto no tempo de reação. Após esses pequenos ajustes, o roteiro chegou à casa de quarenta páginas.

Após alguns *feedbacks*, voltei ao roteiro para outras revisões. A intenção foi adicionar mais algumas camadas ao personagem Luiz, para que ele não soasse tão bom moço no episódio piloto. Além disso, ajustei a cena na qual Luanna é vítima de racismo, buscando fugir de aspectos caricatos, em especial, da agressora. E fiz algumas outras marcações nos diálogos, para ficar mais claro algumas intenções nas falas e direcionamentos. Assim, concluí o roteiro piloto.

4 Considerações finais

O objetivo deste trabalho era desenvolver o projeto de uma série de ficção sobre uma família negra que perde um familiar vítima de violência policial. Além disso, roteirizar o episódio piloto. Esses dois objetivos foram cumpridos dentro do que foi proposto. Tanto a bíblia, que abarca todo projeto, quanto o roteiro foram desenvolvidos e esse processo, documentado. Ademais, esse trabalho contém uma pesquisa que objetiva criar reflexões

¹⁴ “Notice also that I’m using the words “minute” and “page” interchangeably. That’s just shorthand. A minute per page may be an average, but it’s not always accurate. Pages of dialogue move faster, while action eats up lots of time. As with all my construction advice, I’m pointing out a general design, not policing whether you color outside the lines!” (DOUGLAS, 2011, p. 107)

acerca da visão social perante as pessoas negras e sobre como o Estado é responsável pelo genocídio negro brasileiro e uma parte que visa compreender algumas das etapas do processo de roteirização.

A pesquisa que compõe o referencial teórico deste trabalho discutiu assuntos de extrema relevância para a compreensão, com foco nas questões raciais da sociedade brasileira. O racismo estrutural e o mito da democracia racial foram de suma importância para o aprofundamento na produção do projeto e do roteiro piloto. Este estudo ajudou não só na construção da narrativa, mas na construção dos personagens. A partir dele, foi possível ter uma abordagem mais realista e complexa sobre quem são esses personagens e em como estes fatores influenciam de forma direta nas suas vidas e relações.

A abordagem sobre os impactos do genocídio promovido pelo Estado foi outro ponto significativo. Pouco se houve falar sobre como as famílias se sentem quando perdem entes queridos, a busca e aprofundamento sobre essas questões é algo muito rico e está refletida diretamente na criação do projeto. Os relatos dos familiares que perderam parentes é muito emocionante e reflete dores que dificilmente passam. As dificuldades que muitos familiares passam, em especial mães, não podem ser traduzidas em palavras. Esse, com certeza, é um ponto que deve ser mais pesquisado e explorado, pois ele está diretamente ligado a um problema social de ordem pública, o genocídio negro, que tem o Estado como maior fomentador.

Sobre o processo do roteiro seriado, penso que ele é importante para a construção e melhor elaboração e escrita de um roteiro, ainda mais, levando em consideração que existem grandes dificuldades em se achar materiais que abordem especificamente o roteiro seriado. Essa parte é mais reflexiva, pois nas pesquisas e no meu trabalho não ficam evidentes um método específico. Pensar os arcos dramáticos é fundamental, pois eles ditam o andamento da narrativa seriada. Além do mais, eles são fundamentais para a organização do processo de escrita. Esse que, como apresentado, está diretamente ligado ao público. Pensar a escrita levando em consideração quem assiste é algo fundamental. Quando isso acontece, é mais fácil se direcionar, pois a escrita passa a ter, sempre, uma intenção voltada para com o público. E este é o fator determinante no sucesso de uma série.

A princípio, a descrição do processo criativo pode parecer algo banal e um mero ato formal, mas muito pelo contrário. Descrever o processo criativo foi fazer uma reflexão sobre as minhas próprias decisões durante o desenvolvimento do projeto da série, essas reflexões vão de encontro com as leituras para a construção do referencial teórico e com a liberdade artística que podemos usar ao criar um produto ficcional. Externalizar o que eu imaginava

com a intenção de fazer com que outra pessoa entenda, me ajudou a organizar um emaranhado de ideias e pensamentos. Com isso foi possível trabalhar sabendo onde eu queria chegar e qual caminho seguir.

Por fim, me sinto realizado por ter feito algo que passei muito tempo idealizando. Desenvolver o projeto de uma série individualmente, sem o apoio de uma sala de roteiristas, não foi um trabalho fácil, mas muito gratificante. Sinto que consegui colocar grande parte do que aprendi na graduação em algo pensado e criado por mim. Esta é só mais uma etapa do aprendizado e sei que ainda há muita coisa que pode ser melhorada, pois o aprendizado é um processo constante.

5 Referências Bibliográficas

BRITO, Maíra de Deus. **Não. Ele não está.** 1.ed. Curitiba: Appris, 2018

COLLINS, Patricia Hill. **4. Mammies, matriarcas e outras imagens de controle.** In: O pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. *mammies, matriarcas e outras imagens de controle.* Boitempo, 2019.

CONRADO, Mônica; MORAES RIBEIRO, Alan Augusto. **Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate** *Revista Estudos Feministas*, Santa Catarina, v. 25, n. 1, p. 73-94, jan./abr. 2017.

COMPARATO, Doc. **Da Criação Ao Roteiro.** 5º edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAVIS, Angela. **1 O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher.** In: *Mulheres, raça e classe.* Boitempo, 2016.

DOUGLAS, Pamela. **Writing The TV Drama Series: how to succeed as a professional writer in tv.** 3º edição. Los Angeles, 2011.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos.** Rio Janeiro: Zahar. 2020.

HOOKS, bell. **O olhar opositivo: a espectadora negra**. Fora de quadro, 2017. Tradução: Carol Almeida. Disponível em: <https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>. Acesso em: 23 de ago, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Editora Anita, 1994.

MOVIMENTO MÃES DE MAIO. **Do luto à luta**. São Paulo, 2011.

SILVA, Ana Paula Procopio da. **Resistências negras e amefricanidade: diálogos entre Clóvis Moura e Lélia Gonzalez para o debate antirracista das relações de classe na América latina**. Revista Fim do Mundo, n. 4, p. 42-59, jan./abr. 2021.

SILVA, Gabriel da. Evolução Histórica dos Empregados Domésticos e Seus Direitos: Perspectivas da Emenda Constitucional Nº 72/2013. **Revista Reflexão e Crítica do Direito**, v. 9, n. 2, p. 165-178, jul./dez. 2021.

SILVA, Míria Ribeiro Neto; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Silêncio e luto impossível em famílias de desaparecidos políticos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 66-74, 2012.

THIS is us. Criada por Dan Fogelman. Los Angeles. NBC, 2016 - 2022.

6 APÊNDICES

Nossa cor, Nossa história



Série/ Drama/ 6 episódios de 40 min/ Criada por Carlos Augusto Rocha



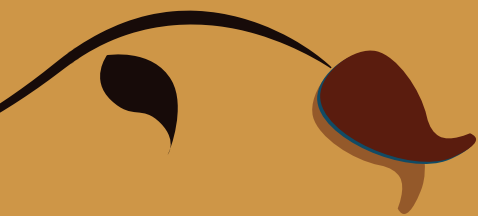
Logline

Luiz é jovem, alegre e trabalhador. Revelações sobre sua morte vão impactar de diversas maneiras sua família. Neste drama de ficção, protagonizado por pessoas negras, acompanhamos as diferentes formas de uma família vivenciar o luto frente ao genocídio do Estado.

Sinopse

“Nossa Cor, Nossa História” conta a história de uma família negra que lida com a dor da perda. Um ano após a morte de Luiz, sua mãe, irmão, namorada e primo enfrentam os percalços e conflitos vividos no dia a dia e lidam com revelações sobre a morte de Luiz. Em meio a isso, conhecemos seus medos, angústias e sonhos.





Arco da Temporada

A 1ª temporada de “Nossa Cor, Nossa História” vai focar em apresentar os cinco personagens principais da trama, Cida, Luiz, Luanna, João Pedro e Marcos. Alternando entre o presente e o passado, será possível compreender a personalidade de cada um deles. O motor principal da temporada será a morte de Luiz, no decorrer da trama ficará evidente a participação policial em sua morte. Essa descoberta vai influenciar de formas diferentes cada personagem e resultará na busca por justiça. Cida, mãe de Luiz, será a personagem mais impactada pela trama central, ela passará de uma mulher com a fé abalada para uma mulher crente em si mesma, entrando numa luta difícil ao tentar encontrar justiça pelo filho morto. Luanna, namorada de Luiz, após ser vítima de racismo, perde o emprego e decide concluir a faculdade. Ela começa a trabalhar como babá e encontra dificuldades na volta aos estudos, por fim, ela começa a se relacionar com um homem. Ele é policial. João Pedro, irmão de Luiz, é um jovem sempre metido em confusões, ele vai passar por um processo de amadurecimento após as descobertas envolvendo seu irmão e descobrir sua sexualidade ao ficar com outro garoto. Marcos, primo e melhor amigo de Luiz, tenta deixar o mundo da criminalidade, mas encontra muitas dificuldades e acaba preso em uma perseguição policial.





Universo

A série se passa em uma comunidade, vários conglomerados de casas, umas ao lado das outras, onde diversas pessoas trabalham e buscam melhores condições de vida. Como em diversas periferias, a criminalidade também faz parte dessa comunidade. A narrativa é composta por uma linha temporal no presente, mas que revisita o passado em diversos momentos, seja para mostrar acontecimentos relevantes para a trama ou evidenciar o perfil dos personagens. Várias referências da cultura negra compõem o ambiente.



Cida

Aparecida Sousa, nascida em 1972, é uma mulher negra, que desde criança trabalha para ajudar a família e por essa razão abandonou os estudos. Devido às dificuldades financeiras, saiu de casa ainda adolescente, em busca de melhores condições de vida. Na comunidade onde mora, se casou e em 1995 teve seu primeiro filho, Luiz. Por negligência médica, seu marido faleceu na fila de um hospital. Sozinha e com o filho de apenas dois anos, trabalhou bastante para se manter, em meio às dificuldades conheceu seu segundo marido e em 2007 teve seu segundo filho, João Pedro. Durante sua relação com o pai de João Pedro, sofreu violência doméstica, gerando nela dificuldades de se relacionar com outras pessoas. Em 2021, quando sua vida estava relativamente tranquila, perdeu seu filho em uma operação policial na comunidade onde vive. Com a perda do filho, a sua fé também se perdeu. Passou a viver uma vida rotineira, onde nada parece ter sentido; de casa para o trabalho, do trabalho para casa. Para ela, existe uma dificuldade muito grande em criar laços com o filho mais novo, ainda que exista um instinto muito protetor de sua parte. Com o surgimento de evidências relacionadas à morte de seu filho, Cida encontra forças e coragem para lutar por justiça. Essa mudança impacta a sua vida e as relações com as pessoas à sua volta, principalmente com Luanna, namorada de Luiz.



Luiz

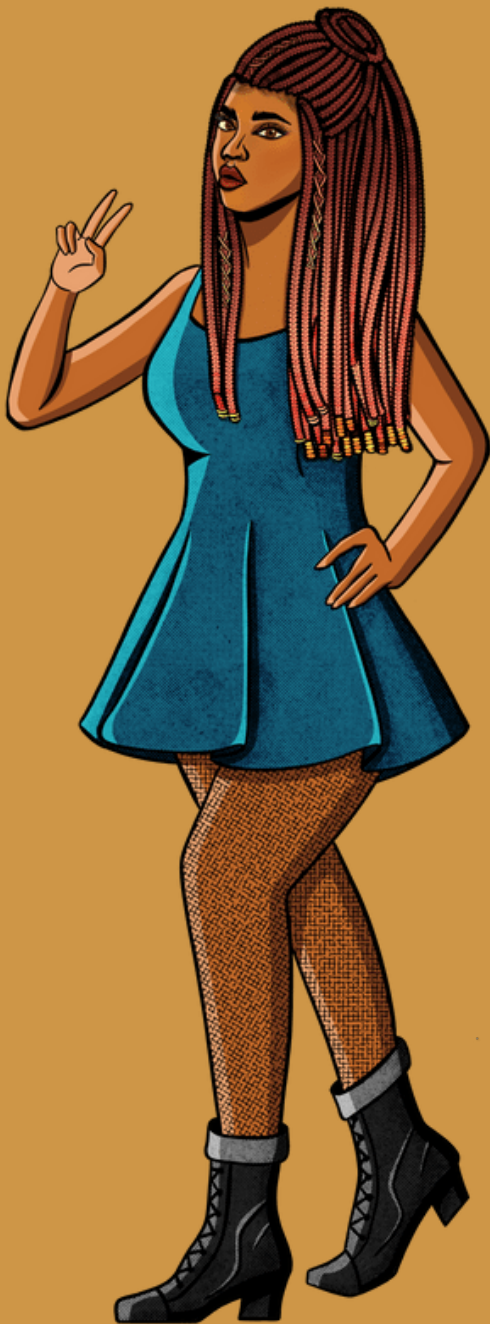
Luiz Felipe Sousa, nascido em 1995, homem negro, desde criança lida com as agressões sofridas por seu padrasto, mas, ao mesmo tempo, tem coragem para defender sua mãe das mesmas agressões. Muito amoroso, cuida do irmão mais novo para que a mãe possa trabalhar, criando com o irmão uma relação única e genuína, de amor, carinho e confiança, bem paternal. Melhor amigo de Marcos, aconselha sempre o primo e entende a situação pela qual ele passa. Luanna é o amor da sua vida e o término do relacionamento é muito doloroso. Quando reatam e Luanna descobre que está grávida, Luiz tem um choque momentâneo, mas também uma certeza. Ele a ama. Trabalhador, ele quer construir um futuro para os dois. Apesar de suas qualidades genuínas, é um cara inseguro e essa insegurança muitas vezes atrapalha as suas relações. Sua morte gera diversos tipos de impactos nas pessoas à sua volta, e sua presença se mantém viva nas memórias deles.





Luanna

Luanna Vieira, nascida em 1996, é uma mulher negra, forte e batalhadora que não leva desaforo para casa. Criada pela avó materna, Luanna conhece Luiz desde criança e começam a namorar ainda muito jovens, a relação dos dois é de muito amor e companheirismo. Alguns meses antes da morte de Luiz, eles se separam por um breve período, onde, ambos têm outros relacionamentos. Quando voltam a se relacionar, Luanna descobre que está grávida. Ela tem dúvidas sobre continuar a gravidez. A perda de Luiz é muito forte e Luanna tem um aborto espontâneo. Perdida e enlutada, tranca a faculdade de Serviço Social, na qual era bolsista. Um ano após a morte do namorado, ela não consegue se relacionar de forma profunda com outras pessoas. Após um episódio racista sofrido no local de trabalho, ela é demitida. Sem nada para fazer, decide voltar a estudar, mas encontra dificuldades nesse retorno. Em meio a isso, ela mantém uma relação afetiva bem próxima com João Pedro.



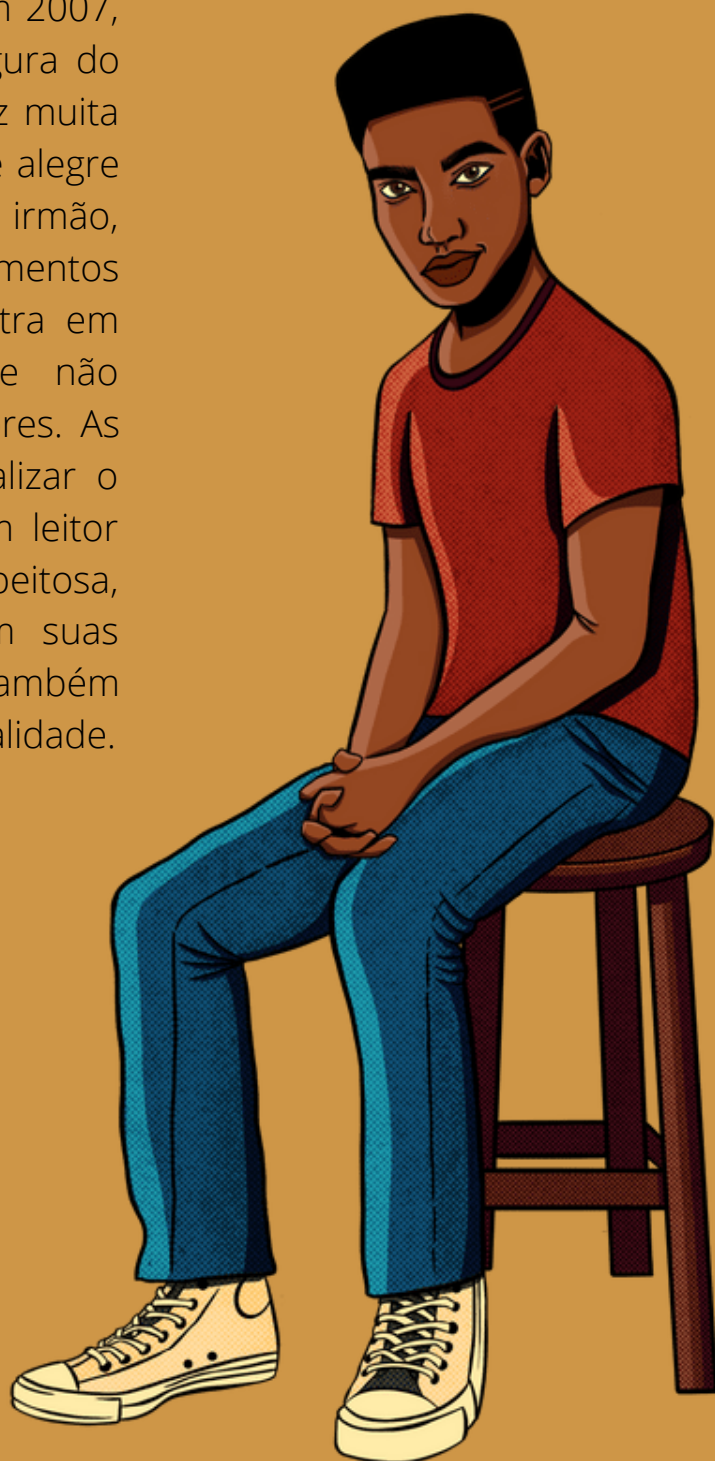
Marcos

Marcos Gonçalves Lima, nascido em 1996, é um homem negro, extrovertido e confiante. Ainda criança, sua mãe, viciada, foi embora. Na adolescência foi expulso de casa pelo pai alcoólatra. Quando isso ocorreu, foi acolhido por Cida, esposa de seu tio. A relação com o tio era bem conturbada e isso acarretou que ele saísse da casa dos tios e fosse morar sozinho. Diante das dificuldades, abandonou o esporte, judô, onde tinha um futuro promissor, e passou a vender drogas para se manter. A morte do melhor amigo, Luiz, fez com que ele tentasse mudar de vida, mas a falta de oportunidades foi um impedimento. Um ano após a morte do primo, Marcos se encontra cada vez mais envolvido com o crime.



João Pedro

João Pedro Sousa Lima, nascido em 2007, é um jovem negro que tinha a figura do irmão como referência. Luiz lhe faz muita falta. Ele é um cara aparentemente alegre e muito amigo. Com a morte do irmão, João Pedro começa a ter comportamentos rebeldes e por diversas vezes entra em brigas com outras pessoas. Ele não demonstra seus sentimentos e dores. As brigas são uma forma de externalizar o que sente. Super inteligente, é um leitor voraz. A relação com a mãe é respeitosa, mas distante. Enquanto lida com suas emoções reprimidas, João Pedro também encara as descobertas de sua sexualidade.



Sinopse dos episódios

episódio 1

Uma operação policial ocorre na comunidade onde Luiz e sua família moram. Luanna é vítima de racismo e Cida corre contra o tempo para não chegar atrasada em um lugar muito importante para ela.



episódio 2

É o aniversário de João Pedro e ele tem um presente muito especial para abrir. Cida vai em uma roda de conversa para mães que perderam os filhos, Luanna sofre as consequências por ter agredido a mulher que a insultou e Marcos recebe uma missão do chefe do tráfico.

episódio 3

Marcos está cada vez mais envolvido com o tráfico e tem que lidar com as consequências disso. Ele relembra a morte do primo. Luanna enfrenta dificuldades em encontrar emprego.



episódio 4

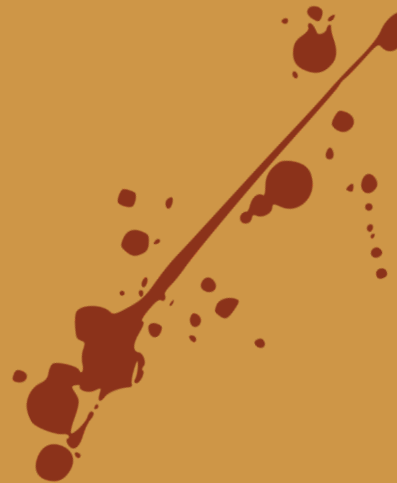
Cida recebe a ligação de uma repórter. Luanna começa no novo emprego. João Pedro é abordado pela polícia e Luiz sofre pelo término com Luanna.

episódio 5

Cida e Luanna vão ao Ministério Público, Luanna troca mensagens com um ficante. João Pedro vai à uma festa e Marcos se mostra arrependido do seu envolvimento com o tráfico.

episódio 6

A família de Luiz se prepara para um protesto que pede justiça para ele. Uma operação policial se inicia na comunidade.



Temporadas futuras

A segunda temporada é focada nos desdobramentos da instauração do processo que investiga a morte de Luiz e em como a prisão de Marcos é usada para reforçar, tanto pela polícia quanto pela mídia, a imagem de que Luiz era envolvido com o tráfico de drogas. Além de acompanhar as dificuldades que Marcos enfrenta na cadeia, vemos os desdobramentos do relacionamento de Luanna com o policial e a finalização da graduação. Acompanhamos também o retorno de Cida aos estudos e João Pedro lidando com a sua sexualidade.

Projeto apresentado como Trabalho de Conclusão
de Curso da Faculdade de Comunicação da
Universidade de Brasília no ano de 2022

Criação de conteúdo: Carlos Augusto Rocha
Orientação: Professora Emília Silberstein
Identidade Visual: Carlos Augusto Rocha
Ilustração: Evelyn Salt
Diagramação: Carlos Augusto Rocha

Contato:
Carlos Augusto Rocha
(61) 9 9944-8706
carlosaug.rocha@gmail.com

Nossa Cor, Nossa História.

By

CARLOS AUGUSTO ROCHA

Qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência.

carlosaug.rocha@gmail.com
(61)999448708

INT. QUARTO DE CIDA - DIA -- 2021

CIDA, negra, 49 anos, está ajoelhada (rezando), olhos fechados.

O quarto é bem simples: cama, guarda roupas e uma mesinha de cabeceira. A cama está ARRUMADA, em cima da mesinha de cabeceira tem uma IMAGEM DE NOSSA SENHORA e uma VELA ACESA.

Cida faz o sinal da cruz: testa, peito, ombro direito e esquerdo...

CIDA

Amém!

Cida apaga a vela, se levanta...

CORTA PARA

INT. CASA DE CIDA - COZINHA - DIA

Cida despeja água quente no coador de café, o líquido preto escorre pelo tecido e cai no copo em cima do fogão.

JOÃO PEDRO, negro, 14 anos, toma café na mesa, uma mesa redonda com quatro cadeiras.

Cida termina de passar o café, coloca as vasilhas na pia, seca as mãos em um pano de prato e coloca a GARRAFA com o café na mesa.

CIDA

Anda logo, João. Se não você vai chegar atrasado.

JOÃO PEDRO

Calma, mãe. Já tô indo.

João Pedro toma o café com tranquilidade.

LUIZ, negro, 26 anos, ENTRA na cozinha, ele tem uma mala de ferramentas em uma das mãos. Ele dá um beijo em Cida.

LUIZ

Bom dia, mãe.

Luiz bagunça o cabelo de João Pedro, coloca a mala no chão perto da pia.

JOÃO PEDRO

Ahh não, Luiz.

João Pedro passa a mão pelos cabelos, arrumando-os.

(CONTINUED)

CIDA
Achei que você fosse trabalhar só
mais tarde.

Luiz coloca café em um copo.

LUIZ
Vou levar a Luanna na Faculdade
agora cedo, depois que vou
trabalhar.

Cida ergue as sombrancelhas.

CIDA
ahhh...

LUIZ
O que foi, dona Cida?

CIDA
Nada, só tô perguntando.

LUIZ
Pode falar mãe...

CIDA
Não é nada não, meu filho.
Esquece...

LUIZ
Sei...

Luiz fica incomodado com a situação.

Cida muda de assunto e se volta para João Pedro.

CIDA
Vai logo, João. Se tu chegar
atrasado na escola, você vai ficar
de fora.

Cida bate com o pano de prato em João Pedro, lhe apressando.

LUIZ
Vai logo, muleque!

JOÃO PEDRO
Tô indo... tô indo. Posso nem tomar
café em paz...

João Pedro se levanta enfiando o resto de pão na boca e
dando um último gole no café.

(CONTINUED)

JOÃO PEDRO (CONT'D)
(Para Luiz)
Manda um beijo pra Luanna.

Ele olha para Cida(implicando com ela) e SAI.

Luiz bebe seu café encostado na pia. Ele observa Cida encher uma garrafa de água e guardar na geladeira. Ele termina de beber o café.

LUIZ
Já tô indo, também.

Coloca o copo na pia.

LUIZ (CONT'D)
(Luiz chateado)
Tchau, mãe!

CIDA
Vai com Deus, até mais tarde.

Luiz pega a maleta, ele para na porta da cozinha, existe uma tensão no ar.

LUIZ
A senhora quer me dizer alguma coisa sobre a Luanna?

Cida pega os copos em cima da mesa e os coloca na pia. Cida se vira para ele, o observa por alguns segundos.

CIDA
(a cabeça em negativa)
Não!

Luiz acente e SAI.

Olhando pela janela, acima da pia, Cida observa os dois filhos na rua, Luiz está apresando João Pedro.

Após alguns segundos, ela sente um arrepio na nuca, ela respire profundamente e passa a mão na nuca.

O celular de Cida toca. Cida o retira do bolso e atende.

CIDA
Alô...

Ouve-se água corrente, Cida abriu a torneira.

CORTA PARA

EXT. COMUNIDADE - RUA CASA CIDA/LUANNA - DIA

A casa de Luanna fica na mesma rua onde a família de Cida mora. A casa é um puxadinho sobre um comércio, para acessar a casa existe uma escada lateral.

Luiz encosta a moto na porta da casa de Luanna.

MARCOS, negro, 25 anos, desce a rua.

Luiz o vê. Ele tira o capacete e grita.

LUIZ

MARCOS.

Marcos se aproxima, sorriso no rosto. Os dois se abraçam.

MARCOS

Eae, cara. Como você tá?

LUIZ

Tô bem! E você? Fazendo o que de bom?

MARCOS

O de sempre.

Eles se observam por um momento.

MARCOS (CONT'D)

Mas tarde vai ter fut na quadra lá de baixo. Cola lá.

LUIZ

Pode deixar. Hoje eu tô cheio de serviço, mas se der, eu apareço lá...

Alguns segundos de silêncio.

LUIZ (CONT'D)

Aparece lá em casa também. Minha mãe tá querendo ver você.

MARCOS

Fala pra minha tia que vou lá no fim de semana. Pra ela fazer aquele bife com batata frita que só ela sabe fazer.

Marcos dá uma piscadinha para Luiz e estende a mão para se despedir.

(CONTINUED)

LUIZ

Falo sim.

Luiz sorri pra ele, os dois se despedem com um abraço rápido. Marcos segue seu caminho. Luiz aperta rapidamente a BUZINA da moto duas vezes.

INT. CASA DE LUANNA - DIA

LUANNA, negra, 25 anos, pega sua bolsa em cima do sofá. Sua avó, DONA MARIA, negra, 70 anos, está sentada ao lado da bolsa.

LUANNA

Tchau, vó. O Luiz já tá me esperando lá embaixo. Beijo, se cuida.

DONA MARIA

Tchau minha fia, bons estudos!

Luanna pega suas chaves na porta e SAI apressada.

EXT. COMUNIDADE - RUA CASA CIDA/LUANNA - DIA

Luanna desce, apressada, as escadas. Luiz a aguarda. Os dois se cumprimentam com um beijo rápido.

LUIZ

Tudo bem? Dormiu bem? Tudo tranquilo?

LUANNA

Tudo bem! Dormi bem! E está tudo tranquilo! Não estou doente, nem nada.

Luanna olha nos olhos de Luiz e abre um sorriso, ele retribui com outro sorriso. Os dois dão mais um beijo.

LUANNA

Vamos? Se não vou chegar atrasada.

LUIZ

Bora, então, Dona Luanna.

BOOM, houve-se um disparo distante. Luanna olha a sua volta, tudo aparentemente está tranquilo. Um homem passei com o cachorro, uma mulher acompanha duas crianças que estão indo para a escola.

(CONTINUED)

LUANNA
Hoje começou foi cedo.

Os dois montam na moto e Luiz dá PARTIDA. Ele arranca e desce a rua, se distanciando cada vez mais da casa de Luanna.

EXT. COMUNIDADE - ESCOLA - DIA

João Pedro, vestido com moletom, mochila nas costas, se aproxima do portão da escola. Vários policiais estão espalhados na frente da escola, duas viaturas estacionadas próximas a entrada. Os alunos fazem filas para entrar. João Pedro entra na fila. Ele observa tudo com desconfiança. Quando ele se aproxima do portão um POLICIAL diz:

POLICIAL
Abre a mochila.

João Pedro abre a mochila, o policial olha dentro.

POLICIAL
Beleza! Tá com o uniforme?

João Pedro fecha a mochila.

JOÃO PEDRO
Tô sim!

João Pedro levanta o moletom, exibindo o uniforme.

POLICIAL
Vai. Pode entrar.

João Pedro entra na escola e ouve o Policial chamando o próximo.

POLICIAL (O.S.)
Próximo.

INT. ESCOLA - DIA

Uma PROFESSORA está na parte de dentro da escola. Ela orienta os alunos a entrarem na sala.

PROFESSORA
Vamos pessoal. Pra sala. Está tudo bem! Deixem a polícia fazer o trabalho dela.

João Pedro observa a situação, logo se junta a um grupo de estudantes e vai em direção as salas de aula.

EXT. FACULDADE - DIA

Luiz e Luanna estacionam com a moto na porta da faculdade, eles descem. Luanna tira o capacete.

LUANNA
Te vejo mais tarde, lá em casa.

Luiz tira o capacete.

LUIZ
Não. Eu te busco no trabalho.

LUANNA
Não precisa. Eu volto de ônibus.

LUIZ
Tá decidido. Eu te busco.

Luanna fica um pouco incomodada com a insistência de Luiz. Ela dá um meio sorriso e assente com a cabeça.

Luiz se aproxima dela, beijando levemente seus lábios. Mãos envoltas na cintura dela.

LUIZ (CONT'D)
Me manda mensagem quando sair da faculdade.

LUANNA
Tá bom! Quando eu tiver saindo, eu aviso.

LUIZ
Combinado!

Os dois se despedem de forma amorosa, dando mais um breve beijo. Luanna sobe as escadas que dão acesso a entrada da faculdade. Luiz observa até ela passar pela porta da entrada, depois sobe na moto e SAI.

INT. CASA DE CAMILA - DIA

CAMILA, 33 anos, patroa de Cida, está sentada em uma mesa na cozinha, tomando café. A cozinha é grande e bonita. Cida ENTRA pela porta da cozinha.

CAMILA
Bom dia, Cida!

(CONTINUED)

CIDA

Bom dia, doutora, tudo bem? Dormiu bem hoje?

CAMILA

Tudo bem! Dormi sim, descansei bastante. Ontem tomei um suco de maracujá, acho que ajudou.

CIDA

Você quer que comece por onde hoje?

CAMILA

Por onde você achar melhor, Cida. Você que manda.

CIDA

Tá bom, então! Hoje eu vou sair um pouquinho mais cedo. Tá lembrada?

CAMILA

Não lembrava, não. Mas okey. Quando você tiver indo, daí você me avisa.

CIDA

Tá bom!

Cida vai em direção a lavanderia, ela passa por uma porta e SAI. Camila continua a tomar seu café da manhã, ela come pequenos pedaços de frutas.

EXT. AVENIDA - DIA

Luiz pilota a moto em uma avenida movimentada, o TRÂNSITO é grande e barulhento.

Ele passa, custurando, por entre os carros. Diminui a velocidade, há um pequeno congestionamento na avenida.

Quatro POLICIAIS estão na beira da avenida, é uma blitz. Luiz se aproxima e o POLICIAL 1 faz sinal para que ele encoste.

Luiz observa que dois outros policiais portam fuzis, POLICIAL 3 e POLICIAL 4. Eles estão um pouco distantes do local onde ele estacionou a moto.

O POLICIAL 2, se aproxima, mão no coldre da arma.

POLICIAL 2

Bom dia, documento da moto e carteira.

(CONTINUED)

Luiz tira o capacete.

POLICIAL 2 (CONT'D)
Tá indo pra onde?

LUIZ
Bom dia. Tô indo trabalhar.

Ele pega a carteira do bolso e entrega os documentos ao Policial 2.

POLICIAL 2
Trabalha onde?

LUIZ
Trabalho com montagem de móveis,
faço alguns também.

POLICIAL 2
Carteira assinada?

LUIZ
(cabeça em negação,
envergonhado)
Não.

O Policial 2 acente e se afasta com os documentos em mãos.

Luiz aguarda que o policial volte. Ainda montado na moto, ele bate os dedos de forma ritmada no acelerador.

Um dos policiais, POLICIAL 3, que porta um fuzil, caminha na direção de Luiz.

As botas dele afundam o CASCALHO, fazendo um pequeno barulho.

O Policial 2 volta. Entrega os documentos a Luiz. Liberando-o.

POLICIAL 2
Tudo certo! Pode ir. Bom dia!

Luiz pega os documentos e os guarda na carteira.

LUIZ
Bom dia.

Ele coloca o capacete e sai do acostamento, ao passar na frente do Policial 3, que porta um fuzil, é encarado por ele.

O Policial 3, está com o dedo no gatilho. Ele encara Luiz até o perder de vista.

INT. ESCOLA - SALA DE AULA - DIA

A sala de aula está cheia. As mesas e cadeiras não estão em boas condições, algumas estão bem desgastadas e outras quebradas.

A professora escreve no quadro, enquanto alguns alunos conversam baixinho.

João Pedro, sentado ao fundo da sala, olha para o quadro e faz anotações no caderno.

INT. FACULDADE - CORREDOR - DIA

Várias pessoas estão no corredor, caminhando e CONVERSANDO.

Luanna caminha pelo corredor, ela come um sanduíche. Mais adiante, ela ENTRA em uma sala.

INT. FACULDADE - SALA DE AULA - DIA

Na sala, alguns alunos, todos brancos, estão conversando enquanto esperam.

Luanna vê uma cadeira vazia próxima a janela, longe do grupo de alunos.

Ela caminha até a cadeira e se senta.

A PROFESSORA entra na sala. Os alunos viram com atenção para ela. A aula vai começar.

A Professora liga o retroprojektor, nele aparece o tema da aula "DIREITO E LEGISLAÇÃO SOCIAL"

INT. COMUNIDADE - CASA DE CLIENTE - DIA

Luiz ENTRA na casa, SEU JOSÉ, um homem de uns 50 anos o recebe.

LUIZ

Bom dia, Seu José. Como o senhor tá?

SEU JOSÉ

Tô bem. Só não tô melhor porque não tô que nem você, novo.

(CONTINUED)

LUIZ

Ahh Seu José, o senhor tá novo ainda. Aposto que tem um monte de namorada por aí.

SEU JOSÉ

Tenho nada, ninguém quer um velho assim que nem eu, não. Agora se eu fosse novo assim que nem você, ninguém me segurava.

Os dois riem, Luiz dá dois tapinhas nas costas de Seu José.

LUIZ

O senhor é terrível... vamos ver o armário que o senhor falou.

SEU JOSÉ

Tá aqui meu filho.

Luiz segue Seu José pela casa até a cozinha.

INT. COMUNIDADE - CASA DE CLIENTE - COZINHA - DIA

A cozinha é simples, Seu José mostra o armário com as portas soltas.

SEU JOSÉ (CONT'D)

É esse aí... as porta não tão servindo de nada.

LUIZ

Pode deixar, que quando eu terminar aqui, elas vão tá igual o senhor. Novinha em folha!

Seu José ri da piada de Luiz.

Luiz abre a mala, pega uma chave e começa a desparafuzar as portas.

INT. ESCOLA - SALA DE AULA - DIA

João Pedro está sentado em sua cadeira.

O SIRENE da escola toca. Vários alunos se levantam, ARRASTANDO as cadeiras.

João Pedro guarda seu caderno, fecha a mochila e SAI da sala de aula.

INT. ESCOLA - CORREDOR - DIA

Vários alunos seguem na direção do portão.

João Pedro, alegre e risonho, caminha em direção ao portão conversando com outros 2 COLEGAS.

Eles passam pelo portão.

CORTA PARA

EXT. ESCOLA - DIA

Na parte de fora da escola, João Pedro caminha na calçada em direção a rua, seus colegas o acompanham.

Ele coloca o pé na rua.

Um CARRO DA POLÍCIA surge em disparada, em sua direção.

Uma mão puxa João Pedro de volta para a calçada.

COLEGA 1
Cuidado! João Pedro.

O carro da polícia passa rapidamente na frente de João Pedro, quase o atropelando.

João Pedro observa o carro policial se distânciar.

Os alunos em volta, reclamam com raiva da situação.

COLEGA 2
Quase que eles matam a gente.

COLEGA 1
Esses filhos da mãe, não estão nem aí pra ninguém. Eles estão aqui só pra aparecer.

JOÃO PEDRO
Vamo embora, antes que dê alguma confusão.

Eles atravessam a rua.

INT. COMUNIDADE - CASA DE CLIENTE - DIA

As portas do armário estão arrumadas. Luiz guarda as ferramentas enquanto conversa com Seu José.

LUIZ

Prontinho, Seu José. Eu fiz outros furos porque aqueles já estavam desgastados e coloquei umas dobradiças reforçadas pra sustentar as portas. Agora, o senhor, não vai ter mais problema.

SEU JOSÉ

Ohh que benção meu filho, deixa eu pegar o seu dinheiro.

Seu José sai rapidamente da cozinha enquanto Luiz fecha a maleta de ferramentas. Ele retorna. Entrega o dinheiro para Luiz.

SEU JOSÉ

Obrigado, meu filho.

LUIZ

Por nada! Se o senhor precisar de mais alguma coisa, é só me ligar.

SEU JOSÉ

Pede deixar, meu filho. Ligo sim!

LUIZ

Até mais, Seu José.

Eles se despedem apertando as mãos.

SEU JOSÉ

Vê se não esquece de namorar.

Luiz ri e segue em direção a porta.

LUIZ

Pode deixar, vou namorar bastante.

Luiz SAI.

EXT. COMUNIDADE - CALÇADA - DIA

Luiz se aproxima de onde sua moto está estacionada.

Seu celular APITA.

(CONTINUED)

Luiz o retira do bolso e o desbloqueia. É uma mensagem de Luanna dizendo: "estou indo pro trabalho agora, bjo. Te amo.", acompanhada do emogi de uma lua.

Ele digita algo rapidamente, respondendo a mensagem.

O celular APITA novamente, aparece a mensagem "bateria 10%".

Luiz guarda o telefone no bolso.

Ele coloca o capacete, monta na moto e SAI.

INT. CASA DE CAMILA - LAVANDERIA - DIA

Imersa nos próprios pensamento, Cida dobra roupas na lavanderia, algumas são de bebê.

A água do tanque começa a DERRAMAR e ela desperta da sua imersão.

Ela se levanta e vai apressada desligar a torneira.

Ela observa as pequenas ondas no tanque cheio de água, como se fosse algo hipnotizante.

Aos seus pés, uma poça de água se formou.

Ela olha para os próprios pés e sai da poça de água, evitando que seus sapatos fiquem encharcados.

EXT. COMUNIDADE - APARTAMENTO CLIENTE - DIA

Luiz bate na porta do apartamento. Uma MULHER, 30 anos, abre a porta. Ela observa Luiz com alegria no rosto. Ela está interessada nele.

LUIZ

Bom dia, eu vim montar o guarda roupa.

MULHER

Ahhh... sim. Luiz, né?

Ela sorri para Luiz e inclina levemente a cabeça. Flertando com ele.

LUIZ

Isso.

(CONTINUED)

MULHER

Entra, Luiz. Só não repara a bagunça. Tô me mudando agora e tá tudo um caos.

INT. COMUNIDADE - APARTAMENTO CLIENTE - DIA

Luiz ENTRA no apartamento.

É um apartamento novo e bem arrumado, no chão têm várias caixas e nos cantos alguns móveis encostados.

LUIZ

Licença!

MULHER

Pode vir aqui. Vou te mostrar onde estão as peças do guarda roupa e onde eu quero que ele fique.

ALGUMAS HORAS DEPOIS...

A mulher traz um copo de água e entrega a Luiz.

LUIZ

Terminei a montagem. Pode conferir lá se está no lugar onde você queria mesmo.

MULHER

Vou olhar lá. Só um minutinho.

Ela SAI da sala e volta rapidamente.

MULHER

Nossa. Ficou ótimo e no lugar perfeito. Posso te pagar por pix?

LUIZ

Pode sim! É o número do telefone, aquele que você entrou em contato comigo.

MULHER

Beleza!

Ela pega o celular em cima de uma das caixas e faz a transferência. Mostra o comprovante para Luiz.

MULHER (CONT'D)

Muito obrigado!

(CONTINUED)

LUIZ

Por nada! Se você precisar ou conhecer alguém que precise é só me ligar ou passar meu número.

MULHER

Pode deixar! Passo sim! Se você precisar também pode me ligar ou mandar mensagem. O número você já tem.

Luiz dá um leve sorriso envergonhado, a mulher se aproxima dele. Ele dá passo para traz e fica contra a porta.

Ela continua avançando na direção dele. Coloca a mão na parede, rosto se aproximando do dele.

Luiz a observa, olhos ansiosos. O copo de água ainda em sua mão.

FADE OUT

EXT. COMUNIDADE - BECO - DIA

Luiz passa o portão, saindo da casa da Mulher, para a rua. Sorriso no rosto.

Ouve-se LATIDOS de um cachorro.

Luiz procura o cachorro mas não o vê.

A rua do apartamento fica em um beco, existem construções novas e algumas mais antigas, materiais de construção ocupam parte das calçadas.

A caixa de ferramentas de Luiz se abre e algumas ferramentas caem no chão. Luiz se abaixa e as pega. Ele se levanta, costas para a saída da rua, guarda as ferramentas e fecha a maleta. POW! Um tiro é disparado. Luiz cai no chão.

O cachorro para de latir, silêncio total no beco.

FADE OUT

INT. CASA DE CAMILA - COZINHA - DIA

Uma tijela cai no chão e se QUEBRA, causando um forte barulho, espalhando molho barbecue pelo chão.

Cida se abaixa para pegar os cacos.

Da SALA Camila pergunta:

(CONTINUED)

CAMILA (O.S)
Está tudo bem, Cida?

CIDA
A travessa de molho caiu.

CAMILA (O.S)
Você se machucou?

CIDA
Não... não. Tá tudo bem. Vou limpar
aqui, rapidinho.

Cida vai em direção a lavanderia...

INT. CASA DE CAMILA - LAVANDERIA - DIA

Cida se encosta em uma parede, tira o telefone do bolso e faz uma ligação. O telefone chama duas vezes...

CORTA PARA

EXT. COMUNIDADE - ESCOLA - DIA -- 2022

Vários alunos se aglomeram na porta da escola em uma rodinha.

Entre gritos de apoio e reprovação, ouve-se as frases "soca ele", "pega ele", "para com isso", "bem feito".

Marcos passa pela rua quando ouve a confusão. Ele se aproxima da rodinha que se formou para ver o que está acontecendo.

Ele passa pelos alunos que cercam o local.

No centro da roda, João Pedro e outro GAROTO brigam. João Pedro está por cima do garoto, imobilizando-o. Ele desfere golpes nas costelas no garoto.

Marcos reconhece João Pedro e de imediato o retira de cima do garoto.

MARCOS
O quê você tá fazendo?

João Pedro reage contrariamente até que reconhece o primo.

JOÃO PEDRO
Ahh... Marcos, me deixa em paz.
Esse cara merece levar umas
porradas.

(CONTINUED)

João Pedro toma impulso para voltar à briga. Mas Marcos o segura firme pelo braço.

MARCOS

(Para as pessoa em volta)
Acabou a brincadeira. Todo mundo,
pra casa.

Ele se volta para o garoto que estava na briga.

MARCOS

Você também. Vai embora. Já deu o
que tinha que dá.

O garoto de maneira ameaçadora olha para João Pedro e vai embora.

Marcos solta o braço de João Pedro.

João Pedro caminha alguns passos, pega sua mochila que está no chão e vai embora.

Marcos o segue.

MARCOS

Hey, João Pedro, o que deu em você?
Não é a primeira vez que você entra
nesse tipo de confusão? Minha tia
não vai gostar...

JOÃO PEDRO

Cuida da sua vida, Marcos. Aposto
que você tem muito problema pra
resolver.

João Pedro faz que vai embora. Ele para. Voltando-se para Marcos.

JOÃO PEDRO (CONT'D)

Ahhh... e se a minha mãe ficar
sabendo de alguma coisa, ela vai
descobrir outras coisas também.

Marcos se surpreende com a reação de João Pedro.

MARCOS

Opa, pera aí. Não fala comigo
assim, não!

Marcos se aproxima de João Pedro, o encarando.

(CONTINUED)

MARCOS (CONT'D)

O que que eu te fiz pra você falar assim comigo? Se eu tô aqui conversando com você, é porque eu sou teu amigo e me preocupo contigo. Você já é crescidinho o suficiente pra saber o que você faz com a sua vida...

Marcos coloca o dedo no peito de João Pedro.

MARCOS (CONT'D)

Mas vou te falar, meu amigo. Isso, que tu tá fazendo, não vai te levar a lugar nenhum. Só vai trazer desgosto pra sua mãe. Se cuida, muleque!

Marcos dá um tapinha no ombro de João Pedro e vai embora.

João Pedro fica pensativo por algum tempo, ele sabe que o primo está certo.

Seu telefone toca, ele atende.

JOÃO PEDRO

Oi mãe... tudo bem... já tô indo pra casa. Você vem embora direto do serviço?... Onde você vai?... ahhh, tá bom. Tchau!

Ele desliga o telefone e vai embora.

INT. SHOPPING - VESTIÁRIO DO TRABALHO - DIA

Luanna, uniformizada com CAMISA AZUL, está no vestiário para funcionários.

Ela pega a bolsa no armário e fecha a porta com cadeado.

Ela se vira para uma COLEGA que está calçando o sapato.

LUANNA

Vou fazer minha pausa agora.

COLEGA

Beleza!

Luanna SAI do vestiário.

INT. SHOPPING - CORREDOR - DIA

Luanna está tomando um sorvete.

Ela observa as vitrines das lojas enquanto caminha pelos corredores do shopping.

Ela para em frente a vitrine de uma loja e ENTRA.

INT. SHOPPING - LOJA - DIA

No interior da loja, ela olha diversas roupas penduradas nas araras.

Uma MULHER 2, branca, 40 anos, se aproxima dela com um CASACO PRETO nas mãos.

MULHER 2

Moça, verifica pra mim, por favor,
se tem esse casaco na cor azul
escura.

Luanna observa a sua volta e vê que os vendedores usam UNIFORME DE COR VERMELHO.

LUANNA

Eu não trabalho aqui.

A Mulher 2 arqueia as sombrancelhas, um sorriso enojado, que ela desfaz rapidamente.

MULHER 2

Ahhh é? Me desculpa.

A Mulher 2 dá as costas para Luanna. Luanna continua a olhar as roupas nas araras. Ela ouve a Mulher 2.

MULHER 2 (CONT'D)

Credo!

Luanna respira fundo, ela se vira para a Mulher 2.

LUANNA

Você tá com algum problema comigo?

A Mulher 2 se vira para ela, com um ar de superioridade.

MULHER 2

Não. Me dá licença.

A Mulher 2 sai de perto de Luanna. Duas pessoas observam a situação, sem fazer nada.

(CONTINUED)

Luanna está com raiva. Ela exala uma respiração forte, pega uma blusa na arara e a levanta para olhar melhor. Ao fundo, a Mulher 2 conversa com um SEGURANÇA.

Luanna coloca a blusa na arara. O Segurança se aproxima dela.

SEGURANÇA

Moça, vou ter que pedir pra você se retirar da loja. A senhora está incomodando os clientes.

LUANNA

Como é?

Luanna está atônica. Ela olha pela loja e vê a Mulher 2 observando, braços cruzados. Luanna vai na direção dela.

LUANNA

(exaltada)

Você está louca? O quê você falou pra ele? Você me aborda, faz cara de nojo pra mim e eu que estou te incomodando. Te enxerga!

Um SEGURANÇA se aproxima. As pessoas na loja começam a observar a situação.

A mulher fica calada, ar de superioridade.

SEGURANÇA

Moça, mais uma vez, vou ter que pedir pra você se retirar da loja. A senhora está causando tumulto aqui dentro.

LUANNA

Pois, eu não vou sair. E quero vêr, quem vai ser o homem que vai me tirar daqui. Uma mulher racista, aparece da PUTA QUE PARIU, me desrespeita e eu que tenho que sair da loja. NÃO VOU!

SEGURANÇA

(segurando Luanna pelo braço.)

A senhora vai ter que me acompanhar.

Luanna olha da mão do segurança no seu braço para o rosto dele.

(CONTINUED)

LUANNA
Tira a mão de mim.

O Segurança puxa Luanna em direção a saída.

A Mulher 2 observa com um pequeno sorriso de vitória.

MULHER 2
(para as pessoas que observam
a situação)
Ahh pessoal, estão vendo? Do nada
aparece esse tipo de povinho. Não
sabem se comportar...

Luanna ouve os insultos da mulher.

MULHER 2 (CONT'D)
... que situação chata!

De forma abrupta, Luanna desprende-se da mão do segurança e
o empurra.

Com passadas rápidas e firmes,...

LUANNA
Vou te ensinar quem é esse tipo de
povinho.

... ela alcança a Mulher 2 e lhe dá dois tapas no rosto.

Ela avança para cima da Mulher 2, na intenção de lhe bater
mais.

O Segurança a segura pela cintura, distanciando-a da mulher.

Luanna se solta, ela vira para o segurança. Respirando
fundo, ela tira os cabelos do rosto. Dedo apontado para o
Segurança.

LUANNA
Olha pra você. Pra ela e pra grande
maioria das pessoas aqui. Você é
tão descatável quanto eu. Enquanto
eu sou destratada por uma
mulherzinha racista, as pessoas não
fazem nada e você simplesmente
resolve me tirar daqui. Como se eu
fosse a razão do tumulto. Se é que
isso pode ser chamado de tumulto.

Luanna olha as pessoas ao seu redor, algumas filmam a
situação com celulares. Ela se direciona a eles.

(CONTINUED)

LUANNA (CONT'D)
Vocês todos são iguais à ela. Tudo
um bando de racista,
PRECONCEITUOSOS! Gostaram do
espetaculo? SEUS PASSA PANO!

Luanna arruma a roupa amarrotada e se volta para o
segurança.

LUANNA (CONT'D)
Eu vou embora, mas não porque você
quer que eu vá. Eu vou, por que eu
não quero ficar no mesmo ambiente
que vocês...

Se direcionando a todos.

LUANNA (CONT'D)
Vocês são podres! PODRES!

Luanna pega sua bolsa no chão, ela caminha em direção a
saída. O segurança está em seu caminho. Ela lhe dá uma
bolsada e ele sai da frente.

Ele olha as pessoas filmando e fica sem reação.

Luanna SAI da loja, cabeça erguida.

CORTA PARA

INT. SHOPPING - BANHEIRO - DIA

Luanna lava o rosto na pia, ela respira fundo, na intenção
de se acalmar. Ela encara sua imagem no espelho. Seus olhos
estão vermelhos de raiva. Ela respira e expira duas vezes, a
raiva se esvaindo aos poucos.

O celular APITA, ela olha, é uma mensagem de um contato não
salvo. "Está livre hoje?". Luanna responde: "Estou, posso ir
agora?" A resposta é imediata: "pode vir".

Luanna guarda o celular e SAI do banheiro, a porta de FECHA,
causando um barulho.

EXT. COMUNIDADE - RUA - DIA

Marcos para em frente a uma casa, muro alto, portão pequeno.

Ele dá duas batidas no portão.

Um RAPAZ abre, coloca a cabeça pra fora e olha para os dois
da rua. O Rapaz entrega uma mochila para Marcos.

(CONTINUED)

RAPAZ
Se cuida, Marquinhos.

MARCOS
Pode deixar.

Marcos coloca a mochila nas costas e segue caminhando pela calçada.

INT. CASA DE CAMILA - SALA - DIA

Cida entra na sala, bolsa no ombro.

Camila está sentada no sofá, ela brinca com uma BEBÊ de uns dez meses.

CIDA
Já tô indo doutora. Você precisa de mais alguma coisa?

CAMILA
Preciso não, Cida. Até amanhã.

CIDA
Até amanhã.

Cida SAI.

Camila continua brincando com o bebê.

INT. QUARTO - DIA

Luanna veste a blusa, seu braço está roxo, onde o segurança pegou.

Na cama, um HOMEM, 30 anos, observa ela.

HOMEM
Quer que eu te deixo em algum lugar?

Ele se levanta e começa a se vestir.

LUANNA
Precisa não.

Luanna prende os cabelos, pega sua bolsa em cima de uma cadeira.

(CONTINUED)

LUANNA (CONT'D)

Tchau!

Ela abre a porta do quarto e SAI

HOMEM

Tchau.

O homem abotoa a camisa e observa a porta se fechar.

CORTA PARA

EXT. PARADA DE ÔNIBUS - DIA

Cida está na parada de ônibus.

Atrás dela uma banca de jornal, diversos jornais expostos com a manchete "Operação em comunidade completa um ano e segue sem resultados".

Cida observa as horas no celular.

Do outro lado da rua, diversas pessoas esperam o sinal verde para atravessar, um garotinho, negro, uns 7 anos, de mãos dadas com o pai aguarda junto as pessoas.

O sinal fica verde.

As pessoas atravessam a rua.

Cida observa o menino.

O ônibus de Cida encosta, ela entra, o ônibus arranca.

EXT. PARQUE - DIA

Luanna caminha por um parque, ela está cansada, a expressão triste.

O parque é grande e possui um lago rodeado de árvores e com alguns patos.

Ela senta em um banco na beira do lago, pega umas bolachas na bolsa e joga pequenos pedaços na água, os patos comem enquanto ela observa.

Por um momento, ela fecha os olhos e sente o sol no rosto. É um momento de reflexão.

Luanna se levanta e SAI. Ela está decidida, sabe exatamente aonde ir.

EXT. BANCA DE FLORES - DIA - ENTARDECER

Uma pequena banca de flores feita de lona, flores de diversas cores estão expostas.

Cida olha as flores com atenção. Ela vê um arranjo com pequenos girassóis, e pega ele.

CIDA

Esse aqui.

A mulher embala o pequeno arranjo em um papel colorido e amarra um laço com fita envolta do embrulho.

Cida abre a bolsa, paga a mulher da banca e SAI.

EXT. CEMITÉRIO - DIA - ENTARDECER

É entardecer, o céu está tingido de várias cores.

Luanna está de frente para um túmulo, observando o céu, lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Ela ouve PASSOS, limpa as lágrimas dos olhos e se vira.

Cida se aproxima.

Um pequeno silêncio se instala.

LUANNA

Oi Cida, como a senhora está?

CIDA

Oi Luanna.

Cida se aproxima do túmulo.

CIDA (CONT'D)

Vou vivendo.

No túmulo tem a foto de Luiz sorrindo, seu nome completo "Luiz Felipe Sousa" e a data "1995-2021".

FADE OUT

EXT. CEMITÉRIO - DIA - ENTARDECER

Cida se ajoelha em frente ao túmulo, ela coloca os girassóis em cima dele e observa silenciosamente a foto do filho.

Luanna permanece um pouco afastada, ela observa cada gesto que Cida faz.

(CONTINUED)

Cida aperta a mão com bastante força, os olhos fixos, lembrando de algo.

LUANNA

Acho que vou amanhã na igreja pedir uma missa pela alma do Luiz.

CIDA

Você que sabe.

Um silêncio se instala. Até que Cida o quebra.

CIDA (CONT'D)

Como tá a sua avó?

LUANNA

Tá bem, quase não sai mais de casa. Fica cansada muito fácil.

CIDA

É a idade. Fala com ela que eu vou lá, qualquer dia desses, vê ela.

LUANNA

Falo sim.

Mais um momento de silêncio.

Luanna procura palavras para dizer, ela não sabe o que falar.

LUANNA

Eu já vou indo. A senhora vai também?

CIDA

Não! Vou ficar mais um pouquinho.

LUANNA

Tá bom!

Cida está imersa em pensamentos, nem responde Luanna.

Luanna caminha para a saída, ela para por um instante e o olha para traz.

Cida se ajoelha sobre o túmulo, ela tira pedra por pedra de cima da sepultura.

Luanna observa com compaixão, alguns instantes depois SAI.

Cida sorri, como se lembrasse de algo. Ela se senta na beirada do túmulo.

(CONTINUED)

CIDA

(conversando sozinha)

Essa noite eu sonhei com você, meu filho. Você tava tão bonito. Lembrava tanto o seu pai. Teve uma hora que você me abraçou... me abraçou tão forte que quase quebrava as minhas costelas.

Ela dá uma pequena risada.

CIDA (CONT'D)

No sonho eu senti o mesmo cheiro... um cheiro que... parecia pinheiro.

Ela respira como se ainda pudesse sentir o cheiro.

CIDA (CONT'D)

Foi o mesmo cheiro que eu senti no dia que você nasceu.

Cida engole em seco. Respira fundo.

CIDA (CONT'D)

Daí eu acordei... lembrei que você não tava mais aqui com a gente. Que eu não ia mais poder te abraçar... não ia mais sentir você me apertando até eu ficar sem ar. Me bateu um desespero, um vazio tão grande...

Ela aperta a própria mão, como se estivesse segurando a raiva e a dor.

CIDA (CONT'D)

Mas o cheiro ainda tava lá... foi aí que eu soube que você ainda tava comigo... de alguma forma, você ainda tava comigo.

Cida relaxa a mão.

CIDA (CONT'D)

Eu queria tanto poder voltar no tempo, ir atrás de você, falar pra você não sair... segurar você no meu colo de novo. Alguma coisa não tava certa, eu senti... eu senti.

Cida permanece sentada, ela retira um folha seca do ramo de flores. Uma lágrima escorre pelo seu rosto.

EXT. CEMITÉRIO - NOITE

Algum tempo se passou, Cida ainda permanece sentada no túmulo. Sua expressão é um misto de tristeza e cansaço.

Ela olha ao redor e percebe que já é noite.

Ela se levanta, beija a mão e a pousa sobre a foto de Luiz, depois a leva ao peito.

Cida fecha os olhos por alguns segundos, passa as mãos no rosto para despertar e SAI.

EXT. CEMITÉRIO - NOITE

Na saída do cemitério, Cida passa pela banca de flores. A mulher está guardando as flores para fechar.

Um RAPAZ distribui salmos com preces escritas. Ele entrega um SALMO a Cida.

Ela continua seu caminho, observa o salmo, nele está escrito: "Deus tudo sabe, Deus tudo vê: nada é em vão".

Cida embola o salmo.

Ao passar por uma lixeira Cida o joga fora. E continua seu caminho, sem olhar para trás.

EXT. COMUNIDADE - QUADRA DE FUTEBOL - NOITE

É início da noite, Marcos, mochila nas costas passa por uma quadra de futebol.

Vários garotos e rapazes jogam bola.

Por entre as grades ele observa o jogo.

EXT. COMUNIDADE - QUADRA DE FUTEBOL - NOITE (FLASHBACK)

Na quadra de futebol, Marcos e Luiz jogam bola.

Luiz faz um passe para Marcos, que dispara em direção ao gol, ele dribla o jogador adversário e faz o gol.

Marcos corre em direção a Luiz e pula em cima dele.

Os dois comemoram alegremente, Luiz sorri para ele.

EXT. COMUNIDADE - QUADRA DE FUTEBOL - NOITE (DE VOLTA AO PRESENTE)

Marcos desperta da sua lembrança, ele está nostálgico.

Ele observa os rapazes mais uma vez e SAI.

INT. CASA DE LUANNA - SALA - NOITE

Luanna entra em casa.

Sua avó, Dona Maria, está sentada no sofá assistindo televisão.

Luanna vai na direção dela, sem dizer nada, tira os sapatos com os próprios pés, senta no sofá e deita no colo da avó.

Dona Maria faz carinho em seus cabelos.

DONA MARIA

O que foi minha fia? O dia hoje não tá bom?

LUANNA

Não, vó! O dia hoje está péssimo.

DONA MARIA

Hoje faz um ano que o Luiz morreu, né?

LUANNA

Faz, e se não bastasse isso, hoje eu fui tão desrespeitada. Eu tô me sentido um lixo. E não têm nada que eu faça que possa melhorar meu dia. Eu queria tanto que o Luiz estivesse aqui. Ele ia me fazer tão bem.

Ela chora silenciosamente.

Sua avó pega uma mecha do seu cabelo e enrola no dedo fazendo um pequeno cacho.

DONA MARIA

Chora minha fia, chorar ameniza as dores. Tudo vai ficar bem! Quem quer que seja que te desrespeitou hoje, mais cedo ou mais tarde vai pagar o que te fez. Se tem uma coisa que eu aprendi nessa vida é que o mundo devolve tudo aquilo que

(MORE)

(CONTINUED)

DONA MARIA (cont'd)
a gente faz nele, seja de bom ou de ruim. Pode não ser hoje, nem amanhã, mas pode ter certeza: uma pedra lançada é que nem aquele negocinho que a gente joga no ar... ela volta e te acerta! Você é forte, é guerreira, ninguém vai te derrubar.

LUANNA
Não sei se eu aguento tanto assim.

MARIA
Aguenta! Você só tá cansada e precisando de descanso. Quando tudo isso acalmar, você vai tá mais forte. Vai olhar pra trás e pensar "minha vó tinha razão"...

Luanna dá uma pequena risada em meio ao choro.

MARIA (CONT'D)
Descansa minha fia... a vida pra gente nunca foi fácil e tá longe ser. O que não pode acontecer é a gente desistir ou baixar a cabeça.

Maria segura a mão de Luanna e dá um leve beijo, ela segura a mão da neta de forma forte e firme. O contraste das texturas das peles ficam evidentes.

Luanna respira fundo, se acalma, seca as lágrimas do rosto.

ALGUM TEMPO SE PASSA

Luanna se levanta, beija a avó na testa e SAI em direção ao quarto.

INT. CASA DE LUANNA - QUARTO - NOITE

Na porta do quarto, ela para por alguns instantes.

Ela pousa a mão sobre a maçaneta e a gira. A porta abre.

INT. CASA DE LUANNA - QUARTO - NOITE (FLASHBACK)

A porta abre.

Luanna entra e se encosta no batente da porta.

(CONTINUED)

Luiz está agachado, chave de fenda na mão, montando um berço.

Luanna olha para ele, alegre.

Ele retribui com um sorriso.

LUANNA

Você não acha que tá meio cedo pra montar um berço. Minha barriga nem começou a aparecer.

LUIZ

Nunca é cedo ou tarde de mais pra qualquer coisa.

LUANNA

Uhhh, não sabia que meu namorado era um poeta.

LUIZ

Seu namorado pode ser muitas coisas.

LUANNA

Inclusive, um pé no saco.

Luiz se aproxima dela.

LUIZ

E vai dizer que você não gosta desse pé no saco?

Ela faz um movimento com a cabeça que diz "nem tanto".

LUIZ

Vamos resolver isso agora.

Luiz se aproxima e a beija, um beijo forte e apaixonado.

INT. CASA DE LUANNA - QUARTO - NOITE (DE VOLTA AO PRESENTE)

Luanna está na porta do quarto.

Ela olha dentro do quarto, nele tem apenas um berço montado.

Ela observa os desenhos entalhados no berço, dá um passo para traz e fecha a porta.

EXT. CASA DE LUANNA - NOITE

João Pedro sobe as escadas da casa de Luanna, ele bate na porta. Dona Maria grita lá de dentro.

MARIA (O.S.)
Quem é?

JOÃO PEDRO
É o João Pedro, Dona Maria.

MARIA (O.S.)
Entra, meu fio.

João Pedro entra na casa.

INT. CASA DE LUANNA - SALA - NOITE

Maria continua sentada no sofá assistindo televisão.

JOÃO PEDRO
Bença?

MARIA
Deus te abençõe.

JOÃO PEDRO
A Luanna já chegou?

MARIA
Chegou sim, ela tá lá em cima.

JOÃO PEDRO
Eu vou lá, então.

João Pedro sai da sala.

EXT. CASA DE LUANNA - TERRAÇO - NOITE

No terraço, Luanna está sentada em uma cadeira de praia, ela tem na mão uma taça de vinho.

No chão, ao lado da cadeira está a garrafa.

Luanna observa a vista, do terraço se vê grande parte da comunidade e uma ampla visão do céu, as luzes das casas se encontram com o horizonte.

João Pedro ENTRA e se aproxima.

(CONTINUED)

JOÃO PEDRO
Oi, Luanna.

LUANNA
Oi, João Pedro.

Os dois se abraçam brevemente.

João Pedro senta em uma cadeira ao lado da de Luanna.

JOÃO PEDRO
Fiquei sabendo que você tá famosa?

LUANNA
Famosa?

João Pedro tira o celular do bolso e mostra para Luanna um vídeo. É um vídeo de Luanna batendo na mulher no shopping.

LUANNA
Onde você conseguiu isso?

JOÃO PEDRO
Uma página que eu sigo postou. Se
você quiser eu te marco na
publicação.

LUANNA
Melhor não. Chega de exposição. Eu
já to desgastada demais, não vale a
pena.

JOÃO PEDRO
Pois fique você sabendo que têm uma
galera deixando mensagens de apoio
pra você.

LUANNA
Sério?

JOÃO PEDRO
Sim. Mas também tem os haters.

Luanna fica em silêncio.

JOÃO PEDRO (CONT'D)
Você está bem?

LUANNA
Agora eu tô melhor, eu só precisava
colocar pra fora... Mas me diz...
aquela fulaninha teve ou não, o que
mereceu?

(CONTINUED)

JOÃO PEDRO
Ohhh se teve. Como diz o Djonga
"fogo nos racistas"

Luanna ri, ergue a taça de vinho.

LUANNA
"Fogo nos racistas."

Ela toma um gole de vinho.

LUANNA (CONT'D)
Encontrei sua mãe no cemitério
hoje. Por que você não foi?

João Pedro fica incomodado com o assunto.

JOÃO PEDRO
Por nada.

João Pedro muda de assunto.

JOÃO PEDRO (CON'T)
Ela me ligou mais cedo e disse que
ia lá.

LUANNA
Eu não entendo porque a sua mãe
fica me evitando. Mal conversa
comigo. Nós nunca fomos melhores
amigas, mas a gente se dava bem.

João Pedro desconversa.

JOÃO PEDRO
Deve ser impressão sua. A minha mãe
vive dias bons e dias ruins, as
vezes você só deu azar de encontrar
ela nos dias ruins.

LUANNA
Pode ser... mas acho que não. E
você sabe o que é. E não vai me
contar. Tudo bem! Eu entendo.
Afim, ela é sua mãe.

João Pedro permanece em silêncio.

Luanna bebe um gole de vinho.

LUANNA (CONT'D)
Eu até te ofereceria um pouco de
vinho. Mas não quero ser perseguida
(MORE)

(CONTINUED)

LUANNA (CONT'D) (cont'd)
pela Dona Cida, acusada de
corromper menores.

Os dois riem.

JOÃO PEDRO
Ela concerteza faria isso.

LUANNA
Mas mudando de assunto. Como você
está?

Luanna segura a mão de João Pedro.

João Pedro se sente incomodado com a situação. A morte do
irmão é um assunto do qual ele não quer falar.

JOÃO PEDRO
Eu tô bem!

Lentamente ele retira sua mão da de Luanna e se levanta.

JOÃO PEDRO (CONT'D)
Eu já vou indo. Antes que a minha
mãe comece a me procurar por toda
comunidade.

LUANNA
Tá bom! Se você quiser conversar...
é bom colocar pra fora o que a
gente sente.

Luanna sorri amavelmente para João Pedro.

Ele SAI.

INT. CASA DE CIDA - SALA - NOITE

Cida está limpando algumas prateleiras. Elas são fixadas na
parede, feitas de pvc e compensado.

Ela pega um pano seco, coloca um PRODUTO DE LIMPEZA (pinho)
e passa por toda extensão do móvel com muito cuidado.

João Pedro ENTRA em casa.

CIDA
Onde você tava, meu filho? Já tava
ficando preocupada.

(CONTINUED)

JOÃO PEDRO
Fui na casa da Luanna.

Cida assimila a resposta e continua seu trabalho.

JOÃO PEDRO (CONT'D)
Ela me disse que te encontrou...
mais cedo.

Cida permanece calada. João Pedro deita no sofá.

JOÃO PEDRO (CONT'D)
Acho que a senhora devia conversar
com ela e resolver o que tiver que
ser resolvido.

CIDA
Mas a gente não tem nada pra
resolver.

JOÃO PEDRO
Tem sim. Mas a senhora é quem sabe.
Ela não tem culpa do que aconteceu.

João Pedro se levanta e vai para o quarto.

Cida reflete sobre o que ele disse, ela sabe que João Pedro
tem razão. Ela volta a limpar as prateleiras.

INT. QUARTO DE JOÃO - NOITE

João Pedro entra no quarto, fecha a porta.

O quarto é pequeno, uma cama, uma mesinha com cadeira,
guarda roupas, em cima da mesinha vários livros arrumados um
ao lado do outro.

João Pedro deita na cama, ele mexe no telefone.

O celular APITA, é uma mensagem. Ele lê, levanta, pega uma
toalha e SAI do quarto para o banheiro.

INT. QUARTO DE CIDA - NOITE

A CAMA ESTÁ DESARRUMADA.

Cida está sentada na beira da cama.

Ela estica a mão e pega um porta retrato ao lado da cama.

INT. CASA DE CAMILA - LAVANDERIA - DIA (FLASHBACK)

Cida está encostada na parede da lavanderia.

Ela pega o celular e faz uma ligação.

Chama duas vezes, ouve-se a caixa postal.

Ela procura outro contato e faz outra ligação.

INT. QUARTO DE JOÃO - DIA (FLASHBACK)

João Pedro está lendo, deitado na cama.

Seu celular TOCA próximo ao seus pés.

Ele estica o braço, pega o telefone e atende a ligação.

JOÃO PEDRO

Oi mãe.

INT. CASA DE CAMILA - LAVANDERIA - DIA (FLASHBACK)

CIDA

Onde você tá?

INT. QUARTO DE JOÃO - DIA (FLASHBACK)

JOÃO PEDRO (CONT'D)

(impaciente)

Tô em casa.

INT. CASA DE CAMILA -LAVANDERIA - DIA (FLASHBACK)

CIDA (CONT'D)

Tô tentando falar com seu irmão,
mas tá caindo na caixa postal.

INT. QUARTO DE JOÃO - DIA (FLASHBACK)

JOÃO PEDRO (CONT'D)

Ele deve tá sem bateria, ele nunca
carrega o telefone.

INT. CASA DE CAMILA - LAVANDERIA - DIA (FLASHBACK)

CIDA (CONT'D)

Tá bom, filho! Fica com Deus.

Cida desliga o celular.

Camila entra na lavanderia, ela possui uma barriga de gestante, uns 7 meses.

CAMILA

Tudo bem, Cida?

CIDA

Sim, tava só ligando pro meu filho.
Vou pegar um pano pra limpar aquela
bagunça.

Cida força um sorriso, ela sente que algo está errado. Ela pega um balde e um pano e SAI em direção a cozinha.

Camila a segue.

INT. QUARTO DE CIDA - NOITE (DE VOLTA AO PRESENTE)

Cida permanece sentada em sua cama.

Ela observa o porta retrato.

Na mesinha onde ela o pegou, tem outras fotos de Luiz, foto dele com João Pedro, dos três juntos.

EXT. CASA DE LUANNA - TERRAÇO - NOITE

Luanna observa o horizonte, a taça de vinho na mão.

A garrafa aos seus pés já está quase vazia.

EXT. PARADA DE ÔNIBUS - NOITE (FLASHBACK)

Luanna está na parada de ônibus, ela saiu do trabalho.

Ela olha o telefone. A mensagem que ela mandou para Luiz não foi entregue. Ela está chateada.

O ônibus se aproxima.

Luanna faz sinal, o ônibus para, ela olha o telefone uma última vez, e entra no ônibus.

INT. CASA DE CIDA - CORREDOR - NOITE (DE VOLTA AO PRESENTE)

João Pedro sai do banheiro, toalha enrolada na cintura.

Ele para na porta de seu quarto, espera por alguns instantes, não escuta nada.

JOÃO PEDRO
Boa noite, mãe!

CIDA (O.S.)
(a voz embargada)
Boa noite!

João Pedro entra no quarto.

EXT. COMUNIDADE - ESQUINA/RUA - NOITE

A rua está escura.

Marcos está encostado em um muro.

Um carro de luxo estaciona próximo, Marcos se aproxima, entrega dois papелotes de cocaína. Uma mão entrega dinheiro a Marcos, ele guarda no bolso.

O carro vai embora.

Luzes vermelhas e azuis iluminam o rosto de Marcos.

Ele olha na direção das luzes e vê uma viatura policial passando na esquina da outra quadra.

Ele puxa o capuz sobre a cabeça e SAI do local, caminhando próximo ao muro, na calçada.

INT. QUARTO DE JOÃO - NOITE

João Pedro veste um moletom. Coloca o telefone no bolso. Ele Apaga a luz do quarto.

Com muito cuidado, para não fazer barulho, pula a janela e a fecha pelo lado de fora.

INT. QUARTO DE CIDA - NOITE

Cida está segurando a foto de Luiz, ela observa o foto, lágrimas escorrem pelo seu rosto.

(CONTINUED)

Ela passa os dedos pela foto. A foto é de Luiz criança, foto de formatura da escola, ele tem uns 7 anos, sorri, falta os dentinhos da frente(*O garoto da foto é o mesmo garoto que Cida viu na parada de ônibus*).

Cida aperta a foto contra seu peito.

EXT. COMUNIDADE - RUA CASA CIDA/LUANNA - DIA

João Pedro caminha pela rua, mãos no bolso do moleton.

Ele olha para os lados. Coloca o capuz.

EXT. CASA DE LUANNA - TERRAÇO - NOITE

Luanna observa o céu, é lua nova.

Ela olha para a rua e vê um homem. Ela o reconhece, é João Pedro.

Ela balança a cabeça em forma de reprovação e se pergunta silenciosamente: *"o que ele está fazendo"*.

FADE OUT

EXT. COMUNIDADE - BECO - DIA (FLASHBACK)

(Gravação de celular, a imagem é enquadrada de longe) É possível ver todo o beco com a saída da rua. No beco, Luiz está caído no chão, ele acabou de levar o tiro. Dois policiais se aproximam de Luiz, um deles cutuca Luiz com o pé. O policial faz um movimento de cabeça indicando que eles devem sair dali. Os dois caminham para a saída do beco, ao virarem a rua saem de quadro.

FIM DO EPISÓDIO PILOTO